

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**RAQUEL SOUZA COELHO**

**JUVENTUDE E PROJETOS DE FUTURO: IDENTIDADES  
CONSTRUÍDAS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE CAMPINA  
GRANDE – PB**

**CAMPINA GRANDE  
2011**

**RAQUEL SOUZA COELHO**

**Juventude e projetos de futuro: Identidades construídas por  
estudantes do ensino médio de Campina Grande – PB**

Monografia apresentada junto ao curso  
de Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, em cumprimento a exigência  
para a obtenção do grau de Psicólogo.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Maria Grisi Velôso.**

**Campina Grande  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C672j

Coelho, Raquel Souza.

Juventude e projetos de futuro [manuscrito]:  
identidades construídas por estudantes do ensino médio de  
Campina Grande – PB / Raquel Souza Coelho. – 2011.  
77 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Thelma Maria Grisi Veloso,  
Departamento de Psicologia”.

1. Identidade. 2. Psicologia individual. 3. Ensino  
médio. I. Título.

21. ed. CDD 155.2

**Juventude e projetos de futuro: Identidades construídas por  
estudantes do ensino médio de Campina Grande – PB**

Monografia apresentada junto ao curso  
de Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, em cumprimento a exigência  
para a obtenção do grau de Psicólogo.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Maria Grisi Velôso.**

**Aprovada em: 01 / 12 /2011**

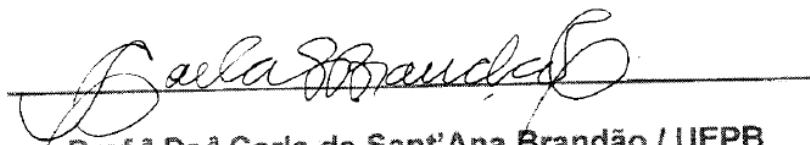


**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thelma Maria Grisi Velôso / UEPB**

**Orientadora**

  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB**

**Examinadora**

  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla de Sant'Ana Brandão / UEPB**

**Examinadora**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Agradeço a Ele pela vida, pelo amor, e por ter nos dado o privilégio de concluir esta jornada, nos fortalecendo e guiando sempre. Ao meu Senhor, toda minha gratidão.

Aos meus pais, Isaias e Olívia, por todo amor, dedicação e cuidado demonstrados a mim; sem os quais, nada disso seria possível. Agradeço por todo apoio, por todo incentivo, por tudo. Muito obrigado, amo vocês.

Aos meus irmãos, de sangue e de coração, Daniel, Jônatas, Kenny e Amanda. Amo vocês, e quero dizer muito obrigado por tudo, vocês são essenciais para toda a minha vida.

A orientadora, professora Thelma Maria Grisi Velôso, pela sabia orientação para a conclusão deste projeto. Pelo empenho e dedicação a realização de tudo isso. Muito obrigada.

A professora Ms. Thaís Augusta Máximo, pela importante contribuição para a realização deste estudo.

Aos professores desta banca examinadora, Dr.<sup>a</sup> Carla Brandão e Dr.<sup>a</sup> Patrícia Araújo muito obrigada.

A todos os amigos, colegas e professores, que, de uma forma ou de outra, cooperaram para o sucesso dessa jornada com a psicologia.

Aos jovens que participaram deste estudo, muito obrigada.

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela  
companhia amorosa sempre  
presente em minha vida, com  
muito amor.

*“A mocidade esplêndida, vibrante,  
Ardente, extraordinária, audaciosa.  
Que vê num cardo a folha duma rosa,  
Na gota de água o brilho dum diamante [...]”*  
Florbela Espanca

*“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.”*  
Eleanor Roosevelt

## RESUMO

Neste trabalho analisamos as identidades construídas em relatos de estudantes de escolas públicas da cidade de Campina Grande sobre seus projetos de futuro. Entendemos as identidades não como algo fixo, constante e determinado, mas, sim como um processo construído sócio-historicamente. Objetivamos pensar as identidades dos jovens a partir dos relatos destes sobre o que é ser jovem e sobre os seus planos para o amanhã; tivemos como objetivo também pensar as políticas públicas para a juventude, a partir da visão que os próprios jovens têm da participação do governo em suas vidas. Sendo assim, entrevistamos estudantes do último ano das duas maiores Escolas Públicas de Ensino Médio da cidade de Campina Grande. Seguimos um roteiro de entrevista semi-estruturada e foram entrevistados alunos de ambos os sexos e com idades entre 18 e 19 anos. As entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo de acordo com o Método Hermenêutico-Dialético, proposto por Minayo (1994). Identificamos algumas concepções dos jovens sobre a fase da vida que estão vivendo. A juventude aparece como fase de preparação para o futuro, como diversão, estado de espírito, responsabilidade. Também analisamos os planos dos jovens para o futuro e com isso pudemos refletir sobre as identidades destes. As “personagens” de estudante, trabalhador, pai/mãe, marido/esposa configuram as identidades construídas nos relatos pela maior parte dos jovens. Observamos como o individualismo permeia as identidades construídas pelos estudantes e como a juventude é valorizada nesses relatos. Percebemos também a importância dada ao estudo, ao trabalho e a família, que surgiram como centrais nos planos dos jovens. A juventude, por vezes, é concebida como fase de preparação para o exercício dessas atividades.

Palavras - chave: Juventude; identidades; Planos para o futuro.

## ABSTRACT

In this paper we analyze the identities constructed in reports of students from public schools in the city of Campina Grande about their future projects. Identity is known not as something fixed, steady and determined, but as a socially and historically constructed process. We aim to think young people's identities from the discourse about what is to be young and on your plans for tomorrow, our objective was also to consider public policies for youth, from the view that young people themselves have of government involvement in their lives. Therefore, we interviewed students in their final year of the two major public schools of Campina Grande. We follow a script of semi-structured interview and interviewed students of both sexes and aged between 18 and 19 years. The interviews were subjected to content analysis according to the hermeneutic-dialectic method, proposed by Minayo (1994). We identified some views of young people on the stage of life they are living. The youth appears to be a preparation for the future, such as entertainment, mood, responsibility. We also reviewed the plans for the future of young people and with that we reflect on these identities. The characters of student, worker, father / mother, husband / wife shape identities in the reports by most young people. We observed as individualism permeates the identities constructed by the students and how youth are valued in these speeches. We also realize the importance given to study, work and family, who have emerged as central to the plans of young people. The youth is sometimes seen as preparation for performing such activities.

Key-Words: Youth, identities, plans for the future

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                                                                                     | 8  |
| Capítulo I: Sobre as identidades.....                                                                                               | 14 |
| 1.1 O Conceito de Identidade na Psicologia Social Crítica.....                                                                      | 16 |
| Capítulo II: O caminho metodológico.....                                                                                            | 22 |
| Capítulo III: "Ser Jovem para mim?": relatos dos jovens acerca da juventude e dos sentimentos relacionados a essa fase da vida..... | 26 |
| 3.1 Sobre o que é ser jovem.....                                                                                                    | 26 |
| 3.2 Sobre como os estudantes se sentem sendo jovens.....                                                                            | 33 |
| Capítulo IV: "O futuro?": relatos dos jovens sobre seus planos para o futuro e a participação do Estado nesse processo.....         | 38 |
| 4.1 Sobre pensar no futuro.....                                                                                                     | 38 |
| 4.2 Sobre os planos para o futuro.....                                                                                              | 41 |
| 4.3 Sobre a não concretização dos planos para o futuro.....                                                                         | 44 |
| 4.4 Sobre o que é importante para realizar esses planos.....                                                                        | 49 |
| 4.5 Sobre como os estudantes se imaginam com a idade dos pais.....                                                                  | 54 |
| 4.6 Sobre a participação do governo na concretização dos planos para o futuro.....                                                  | 57 |
| Considerações Finais.....                                                                                                           | 62 |
| Referências .....                                                                                                                   | 66 |
| Anexos.....                                                                                                                         | 71 |
| Anexo I - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....                                                                               | 72 |
| Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....                                                                          | 73 |
| Apêndices.....                                                                                                                      | 75 |
| Apêndice A – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada.....                                                                            | 76 |



## INTRODUÇÃO

*“Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério.*

*O jovem no Brasil nunca é levado a sério”.*

*Charlie Brown Jr.*

A juventude representa um momento diferenciado da existência humana, com características especiais e necessidades próprias, conforme aponta Abad (2003). As ideias acerca desse grupo mudaram com o passar do tempo e, juntamente com isso, transformaram-se também as formas de lidar com ele.

Nosso interesse em estudar a juventude surge a partir de diferentes experiências vivenciadas com jovens, e também como jovem. Certo dia ao participar de um fórum sobre juventudes, percebemos como esse tema é interessante, como há muito a ser pensado, como há muito a ser dito sobre a juventude. Naquele dia a temática dos jovens tocou nosso coração. E, assim, nasceu o desejo de desenvolver este estudo.

Mas, quem é a juventude? Os jovens são entendidos aqui como as pessoas que tem entre 15 e 24 anos, segundo o critério estabelecido pela Organização Internacional da Juventude (OIJ). Mas esses limites etários não são fixos e não definem a juventude. Como afirma Novaes (2003), a juventude pode começar mais cedo, para os que não têm direito a infância, e pode terminar mais tarde para parte deles, devido ao aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho. Abad (2003) também aponta um prolongamento da juventude para as classes sociais mais favorecidas, onde há um aumento do tempo de formação profissional e devido a isso uma postergação legitimada das responsabilidades adultas. Enquanto nas classes populares, ainda segundo o referido autor, a juventude se tornou um período de estigmatização social.

Mas, além da faixa etária, como podemos definir a juventude? Segundo Abad (2003) antigamente, a ideia de juventude relacionava-se, principalmente, a relações de incorporação à vida adulta e a aquisição da experiência, sendo assim, um período de transição entre a infância e a maturidade, momento este que seria determinado pela ligação às instituições de transição do mundo adulto. No entanto, essa definição, não se aplica aos dias de hoje. Como afirma o referido autor, os jovens atualmente:

[...] têm-se convertido numa categoria social, interclassista e comum a ambos os sexos, definida por uma condição específica que demarca interesses e necessidades próprias, desvinculadas da idéia de transição e suas instituições responsáveis. Efetivamente, a juventude passa, mas também fica (ABAD, 2003, p. 23).

Dessa forma, e conforme aponta Dayrell (2003a) a concepção de juventude é constituída a partir de critérios históricos e culturais. A juventude não é um grupo homogêneo, muito pelo contrário. A pluralidade de situações de vida dos jovens faz com que se defenda o uso do termo *juventudes* no lugar de juventude. Sposito (2003, p.60) apóia essa ideia ao afirmar que: “Tem sido recorrente a importância de se tomar a idéia de juventude em seu plural – *juventudes* –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos.” Outro autor a reforçar essa ideia é Dayrell (2003a) que aponta o uso do termo *juventudes* como necessário para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem.

Com relação a isso, Novaes (2003) ressalta que jovens da mesma idade vão sempre viver *juventudes* diferentes. Segundo esse autor, diferentes aspectos, como a classe social, o gênero, a raça, participar ou não de projetos sociais e até mesmo o endereço vão determinar a trajetória de inclusão ou exclusão de cada jovem.

A compreensão de que cada momento do ciclo de vida, a infância, a juventude e a velhice, têm suas singularidades; demanda do Estado intervenções diversas, ou seja, políticas públicas especificamente destinadas para cada grupo. (SPOSITO, 2003). No entanto, a juventude foi por um longo período uma parte da população negligenciada pelas políticas públicas. A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, no início dos anos 1990, representou uma importante conquista na luta pelos direitos dos adolescentes. Esse estatuto jurídico, entretanto, deixou na sombra, como sujeitos de direitos, os jovens que já atingiram a maioridade.

Abramo (1997) afirma que em nosso país nunca houve uma tradição de políticas públicas voltadas exclusivamente para os jovens. Ao contrário do que ocorreu na Europa, nos Estados Unidos e até mesmo na América Latina, apenas recentemente os governos começaram a desenvolver políticas públicas para a juventude. Sposito e Carrano (2003) concordam e afirmam que a juventude era apenas incluída nas políticas públicas destinadas a população como um todo, somente no fim do século XX tal situação começa a mudar:

Esse cenário passa a se alterar no final dos anos de 1990 e no início da década atual. Iniciativas públicas são observadas, algumas

envolvendo parcerias com instituições da sociedade civil, e as várias instâncias do Poder Executivo – federal, estadual e municipal – são mobilizadas (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 17).

Sendo assim, apenas recentemente, o governo tem proposto ações voltadas para a juventude. Como aponta Abad (2003), as políticas públicas representam aquilo que o governo opta por fazer ou não fazer diante de uma situação.

As políticas públicas envolvem uma dimensão ético-política dos fins da ação, e deve estar vinculada a um projeto de desenvolvimento econômico e social e implicar formas de relação do Estado com a sociedade. (SPOSITO, 2003). Elas, idealmente, têm como responsabilidade básica a construção da cidadania social o que seria “proporcionar num sistema desigual de distribuição da riqueza produzida pela sociedade, as condições mínimas para tornar efetiva a igualdade de direitos reconhecida legalmente” (ABAD, 2003, p. 17).

Conforme Sposito (2003) observa-se um campo de iniciativas emergentes e de novas formas de intervenção voltadas para os jovens. A expansão desse campo de políticas públicas para a juventude faz-se necessário para que, como afirma Léon (2003), os jovens deixem de ser vistos como problemáticos e carentes, e sejam vistos como sujeitos de direitos. Segundo o referido autor é preciso quebrar esse estigma da juventude e enxergar os jovens como plenos de direitos e não apenas como beneficiários de serviços da política pública. O mesmo é apontado pela Convenção Ibero-Americana dos Direitos dos Jovens, que afirma que se deve avançar no reconhecimento dos direitos da juventude, assim como os Estados deveriam adotar medidas que garantam o pleno exercício desses direitos. (ORGANIZAÇÃO IBERO-AMERICANA DE JUVENTUDE, 2005).

No entanto, Abad (2003) aponta um aspecto importante das políticas públicas que vem sendo desenvolvidas para a juventude: a sua baixa eficácia. Em alguns casos as ações não passam de ‘bons desejos’, ou seja, as intenções são boas, mas as ações não são eficazes; e nos piores casos até aprofundam as desigualdades.

Muitas vezes as políticas públicas, por serem fragmentadas e limitadas, aprofundam a exclusão social, isso porque garantem para poucos e não para todos. (NOVAES, 2003). As ações desenvolvidas nem sempre correspondem à intensidade do debate realizado sobre os problemas discutidos. Logo, percebemos a necessidade de que se desenvolvam ações mais eficazes voltadas para esse grupo.

Mas não se pode pensar em intervenções para um determinado grupo, se este não for devidamente estudado e analisado (SPOSITO, 2003).

A referida autora aponta outro importante problema das políticas públicas destinadas à juventude, que é a não participação dos jovens na formulação das ações. Ela questiona se as políticas são demandas dos jovens ou apenas do mundo dos adultos. León (2003) também participa desse questionamento ao se perguntar até que ponto os jovens são protagonistas dessas políticas ou apenas participam enquanto beneficiários.

Foi pensando nisso, na necessidade de que os jovens participem da construção dessas políticas que surgiu o Conselho Nacional de Juventude – CONJUVÉ; a partir da Política Nacional de Juventude, criada em 2005. Órgão consultivo da Secretaria Geral da Presidência da República, o CONJUVÉ reúne representantes do poder público e da sociedade civil e abre caminho para uma comunicação entre a juventude e os responsáveis pelas políticas públicas destinadas a esse grupo. Anteriormente ao surgimento do CONJUVÉ, já havia Conselhos de Juventude em alguns estados e municípios, mas foi com a criação deste, em 2005, que os conselhos municipais e estaduais ganharam força (CONJUVÉ, 2010).

A Política Nacional de Juventude também propiciou, conforme Novaes (2007), a criação da Secretaria Nacional de Juventude; voltada para o desenvolvimento de ações para os jovens e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) que seria um programa emergencial para jovens entre 18 e 24 anos excluídos da escola e do mercado de trabalho.

Outro considerável avanço relacionado às políticas públicas para jovens, diz respeito à aprovação do Projeto de Emenda Constitucional da Juventude; que aconteceu em julho de 2010. A aprovação da chamada PEC da juventude é importantíssima, pois insere na Constituição o termo ‘juventude’, espera-se que isso ajude a fortalecer o entendimento do jovem como sujeito de direitos, como apontam Camarano, Mello e Kanso (2009). A aprovação do Plano Nacional de Juventude e do Estatuto da Juventude também são aguardadas como questões fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude. Este último já foi aprovado na Câmara Federal, em outubro de 2011, e aguarda votação no Senado.

Por outro lado, como afirmam Abad (2003) e Sposito (2003), as políticas públicas para a juventude são construídas a partir da ideia que se tem desse grupo, essas políticas refletem as percepções dominantes sobre os jovens. Acreditamos, então,

que para uma melhor eficiência na implantação das políticas públicas para a juventude, bem como para o desenvolvimento de novas estratégias de ação, faz-se fundamental pensar a identidade dos jovens, a forma como eles vêem a si mesmos e para isso é extremamente necessário que se realizem estudos sobre a juventude brasileira.

Com relação a isso, Novaes (2003) afirma ser urgente a realização desses estudos e aponta que deve ser feita uma escuta profunda dos jovens para que a partir disso se promova um diálogo e surja um conhecimento novo que contribua para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficientes.

Pensando nisso, esta pesquisa pretende analisar as perspectivas de vida, os projetos e anseios dos estudantes, que podem dizer muito a respeito das identidades desses sujeitos. O modo como um jovem se vê, irá influenciar diretamente os seus planos para o futuro. Dessa forma, consideramos que, ao questionarmos a respeito das expectativas, poderemos pensar a respeito da identidade desses jovens. O que é fundamental visto que, como aponta Novaes (2003), o Brasil está atrasado no conhecimento da juventude, apesar destes representarem cerca de 34 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente 18% da população, conforme o Censo 2010.

Assim, consideramos que o presente estudo – ao se propor escutar um grupo de jovens – possibilitará aprofundar nosso conhecimento acerca dessa parte da população e, a partir disso, contribuir nas reflexões para o desenvolvimento de ações junto às políticas públicas para a juventude. Ouvir os jovens, conforme Novaes (2003), é um desafio e tanto, pois não basta apenas fazer uma dinâmica de grupo ou até mesmo uma pesquisa, mas é preciso que os resultados sejam analisados e comparados e, principalmente, é preciso que a partir disso se faça, como já explicitado, uma “escuta mais profunda”, que gere um “conhecimento novo”. Enfim, é um grande desafio, mas estamos dispostos a tentar.

Sendo assim, com este trabalho, objetivamos analisar as identidades construídas em relatos de estudantes do Ensino Médio da cidade de Campina Grande/PB sobre seus projetos de futuro. Pretendemos também conhecer as concepções dos estudantes sobre o que é ser jovem, bem como refletir acerca das políticas públicas para a juventude a partir das identidades que são construídas através desses relatos.

O texto que segue está sistematizado da seguinte forma: o primeiro capítulo trata da fundamentação teórica. Nesse capítulo, abordaremos questões relacionadas à concepção de identidade. Cumpre salientar que concebemos as identidades como processo, uma permanente construção social, desenvolvida no contexto social e histórico.

No segundo capítulo, exporemos a metodologia qualitativa adotada, a forma como este estudo foi realizado, explicitando que os relatos foram colhidos através de uma entrevista semi-estruturada realizada com estudantes do ensino médio, do sexo feminino e masculino, de duas escolas públicas da Cidade de Campina Grande. A faixa etária variou entre 18 e 19 anos. Foram realizadas 15 (quinze) entrevistas que foram analisadas através do Método Hermenêutico Dialético proposto por Minayo (1994).

No terceiro capítulo analisamos os discursos dos jovens referentes às questões: 'Para você, o que é ser jovem?' e ' Como você se sente sendo jovem?'. Sendo assim, nesse capítulo, falaremos acerca do que caracteriza, para os entrevistados, a juventude e dos sentimentos relacionados a essa fase da vida.

No quarto capítulo, tratamos das questões relacionadas aos projetos dos jovens para o futuro. Os discursos construídos acerca do costume de pensar no futuro; sobre a concretização dos planos, sobre o que é necessário para essa realização e a respeito de como os jovens se imaginam quando estiverem com a idade dos pais. A participação do governo na realização desses projetos, também é analisada no capítulo 4.

Em seguida virão as considerações finais, momento em que retomaremos os principais pontos analisados e exporemos o que "concluímos" a partir dessas análises.

Cumpre ressaltar que esperamos com este estudo contribuir para o debate acerca da juventude, das identidades construídas por este grupo e das ações voltadas para ele. E, assim, colaborar com o desenvolvimento de ações que visem atender as demandas desses jovens.

## CAPÍTULO I: SOBRE AS IDENTIDADES

*“Lavando a cara de manhã. Pergunta pro espelho. Afinal, quem é você?... Jovem”.*

*Cazuza*

As ideias acerca da identidade mudaram muito com o passar do tempo. Isso porque o ser humano já foi pensado das mais diferentes maneiras, a cada período histórico corresponde uma nova visão sobre quem somos. O “sujeito moderno” emergiu como individual único e soberano, entre os séculos XVI e XVIII. A Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista e o Iluminismo foram fatores fundamentais nesse processo. As reflexões, nessa época, propunham a identidade como a essência de cada ser humano. O sujeito desse período, como aponta Hall (2006), era centrado, único, senhor da razão.

Sua essência, ou seja, sua identidade era concebida como imutável: ele nascia, crescia e morria idêntico a si mesmo. A identidade era o centro do ‘eu’ e fundamentaria toda a existência do indivíduo.

Mas, o conceito de identidade continuou se transformando, pois, com o passar do tempo, surge o “sujeito sociológico” e com ele uma nova concepção de identidade. O sujeito desse período é culturalmente construído, ou seja, através da interação do sujeito com o mundo é que a identidade é construída.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11, grifos do autor).

Desse modo, segundo essa concepção, a identidade é o que preenche o espaço entre o mundo público e o privado. Ao mesmo tempo em que nos projetamos no mundo, a cultura, os valores, as ideias desse mundo são apropriados por nós. Assim, tanto o sujeito, quando o mundo ao seu redor se torna mais unificado e predizível.

Mas, como nos alerta Hall (2006), essa identidade única e estável não permanece mais a mesma. Chegamos à era do “sujeito pós-moderno” possuidor de

múltiplas identidades. Esse sujeito é formado por diversas identidades fragmentadas, que podem até mesmo ser conflitantes. Em diferentes momentos, o sujeito assume uma identidade diferente. Dentro de nós, segundo o autor, existem diferentes identidades que estão constantemente se empurrando, se transformando se deslocando:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

As identidades se deslocam tanto no sujeito como na sociedade, atravessando grupos estabelecidos. O referido autor, também afirma que nenhuma das múltiplas identidades é capaz de servir como ‘mestra’ das outras, ou seja, não é possível que uma das identidades abranja as demais. Conforme Hall (2006), a identidade está sempre incompleta, constantemente em formação.

Sobre isso, Bauman (2005) afirma que na contemporaneidade, repleta de oportunidades fugazes, e seguranças frágeis, não há espaço para identidades fixas, inegociáveis, imutáveis. Segundo o autor, o desejo por uma identidade determinada, vem do ambíguo anseio por segurança.

Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades, também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido – moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005, p. 35, grifos do autor).

Desse modo, na atualidade, a ideia de identidade fixa, embora promotora de segurança, é rejeitada por restringir as possibilidades do indivíduo, supostamente, livre. A identidade previamente estabelecida seria presságio da incapacidade de “destravar a porta” diante de uma nova oportunidade.

Laclau (1990 *apud* Hall, 2006) afirma que, na sociedade atual, a estrutura da identidade está sempre aberta. Logo, as identidades seriam instáveis, possibilitando constantes novas articulações, o que permite, segundo ele, a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. Com relação a isso, Santos (1993, p. 31) diz que as identidades não são imutáveis nem rígidas, mas “são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”.

Assim, seria uma fantasia acreditar em uma identidade constante e imutável, e se alguém se percebe como tendo a mesma identidade durante toda sua vida, isso ocorre apenas porque construiu uma cômoda narrativa sobre si mesmo (HALL, 2006).

Sobre isso, Bauman (2005) acrescenta que as identidades flutuam no ar, algumas a partir de nossa própria escolha, e outras lançadas pelas demais pessoas. Sendo necessário estar sempre alerta para defender as escolhidas por nós mesmos, em relação às impostas por outros. As identidades também se desenvolveriam de acordo com uma hierarquia global.

Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêm oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* — identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p.44, grifos do autor).

Diante disso, percebemos como as identidades se constroem na contemporaneidade, como as identidades fixas e imutáveis são rejeitadas, e há uma hierarquia global que opera na produção de identidades em movimento.

## 1.1 O CONCEITO DE IDENTIDADE NA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

As duas correntes teóricas predominantes nos primórdios da psicologia social, a pragmática americana e a fenomenológica européia, chegaram ao Brasil, entre os

anos de 1950 e 1960. Com a apropriação de tais correntes “procurava-se basicamente fórmulas de ajustamento e adequação de comportamentos individuais ao contexto social” (MOLÓN, 2001, p.46).

No entanto, conforme a referida autora, nem todos os psicólogos se submeteram a essas concepções. E, assim, aquela psicologia social passou a ser alvo de sérias críticas. Segundo Álvaro e Garrido (2006) essa psicologia social tradicional, era apontada como psicologizante e individualista; afastada dos contextos histórico e cultural.

Uma revisão dos principais conceitos da disciplina levou à busca por novos paradigmas, e percebeu-se a necessidade de uma redefinição da psicologia social baseada nos pressupostos teóricos e metodológicos do materialismo histórico e dialético. Esse processo levou ao desenvolvimento da Psicologia Social Crítica, tendo Silvia T. M. Lane, participação fundamental. Conforme os referidos autores, a psicologia social crítica tem um forte enraizamento na psicologia social latino-americana.

Com essa redefinição, conforme Molon (2001), surge a necessidade de um intercâmbio entre experiências, estudos e pesquisas relacionados a essas transformações na psicologia social, fortalecendo a perspectiva; e assim, pensa-se na criação da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), fundada em 10 de julho de 1980.

No que diz respeito às categorias de análise da Psicologia Social Crítica, ao lado das categorias atividade e consciência, a identidade é, segundo Ciampa (1994), uma categoria central, substituindo a ideia de personalidade. Esse autor aponta que a abordagem dialética da identidade permite relacionar aspectos individuais com aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos. Dessa forma, discussões importantes podem ser feitas a partir das identidades, o que evidencia a relevância do estudo dessa categoria.

Conforme Ciampa (1984), ao fazer essa pergunta aparentemente simples: ‘quem sou eu?’, ou ‘quem é você?’, já estamos pesquisando sobre a identidade. Assim, à primeira vista, pode parecer fácil definir identidade, mas, na verdade não é tão simples como se pensa. (SILVA, 2004).

A representação típica dessa ideia de identidade é o nome próprio. Sendo o nome algo que nos identifica e com o qual nos identificamos. Essa questão do nome nos revela que identidade é diferença e igualdade ao mesmo tempo, pois num

momento nos distingue, diferencia; e no outro nos une, nos assemelha. Assim o diferente é igual, ou seja, ao mesmo tempo em que o nome nos torna únicos, ele também nos torna iguais aos nossos parentes, aos da família que pertencemos. A identidade de um lado nos diferencia das pessoas entre si e por outro, nos caracteriza como pertencentes a um mesmo grupo social (CIAMPA, 1994; BRANDÃO, 1999).

Através da articulação entre diferenças e igualdades, cada posição do sujeito o determina e faz com que a existência dele seja a unidade da multiplicidade que acontece pelo desenvolvimento dessas determinações. Dessa maneira, em diferentes situações da vida demonstramos uma das nossas identidades:

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou frente a meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai, como filho; e assim por diante. Contudo, meu filho não me vê apenas como pai, nem meu pai me vê apenas como filho; nunca compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas como uma *personagem* (chamada por um nome, Fulano, ou por um papel, o *Papai*, etc.), como uma totalidade... parcial. O mesmo pode ser dito de meu filho e de meu pai (CIAMPA, 1994, p. 170, grifos do autor).

Assim, aos poucos a identidade vai assumindo outras formas de predicções, como os papéis. O individuo não é mais algo, não é mais apenas um nome, ele é aquilo que faz. “É pelo seu agir, pelo fazer, que alguém se torna algo”. Logo, como aponta o referido autor, ninguém pode expressar a totalidade de si a cada momento, sempre nos apresentamos apenas como representantes de nós mesmos, ou seja, estamos sempre representando uma das nossas identidades. Ao assumir e desempenhar diferentes papéis, estamos nos representando, assim como quando reiteramos a apresentação de nós mesmos e quando comparecemos como nossos representantes.

Como ressalta Ciampa (1984, p.65) a resposta a nossa questão inicial, “quem sou eu?”, é um pouco insatisfatória para nos dizer o que é identidade, embora nos sirva de ponto de partida por ser também parte do processo de produção da identidade. Isso acontece porque “ela capta o aspecto representacional da noção de identidade (enquanto produto), mas deixa de lado seus aspectos constitutivos, de produção, bem como as implicações recíprocas destes dois aspectos”.

Sendo assim, nossas identidades são construídas pelas nossas ações, papéis, personagens: “Nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática”. (CIAMPA, 1984. p. 64). Ao trabalhar é que alguém se torna trabalhador; ao estudar, se torna estudante; e assim, nossas múltiplas identidades são construídas.

A identidade é um processo, está sempre mudando, se transformando. Ela não é sempre a mesma, isso seria sobrenatural ou antinatural; ela é uma “metamorfose”. É impossível estudar a identidade totalmente fixada. “Tentar estudar uma identidade plenamente concretizada exigiria estudá-la no limiar da morte biológica, como uma espécie de extrema – unção, ou então (se possível!) mediunicamente” (CIAMPA, 1994, p. 198).

Lopes (2002) também fala a respeito dessa metamorfose das identidades. Para esse autor esse processo representa uma mudança na visão de mundo do sujeito e, dessa maneira, na sua forma de lidar com essa realidade:

[...] metamorfose não significa necessariamente um processo de fragmentação e re-totalização com nova orientação, mas sim, mudança substancial de um estado do ser, compreendida nas suas relações estruturais consigo mesmo, com a sociedade, com a comunidade ou com o ambiente (LOPES, 2002, p. 22).

Maheirie (2002) nos auxilia nessa discussão quando afirma que as identidades são construídas por oposições, conflitos e negociações; estão sendo reinventadas a todo o momento, num processo que nunca tem fim. Jacques (1996) aponta também a instabilidade das identidades ao afirmar que elas têm um caráter processual e de construção permanente.

A identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, mas que, no entanto, é una. Ou seja, somos uma unidade na multiplicidade. (CIAMPA, 1984). Segundo o referido autor é essencial que a identidade seja assim, pois qualquer tipo de ameaça a essa unidade de múltiplas identidades pode ser extremamente prejudicial ao sujeito. “Quando nossa unidade é percebida como ameaçada, quando corremos o risco de não saber quem somos, quando nos sentimos desagregando, temos maus pressentimentos, temos o pressentimento de que vamos enlouquecer [...]” (CIAMPA, 1984, p. 61).

Outra característica é que ‘Identidade é história’, assim não existe personagem fora de uma história, nem história sem personagem. O sujeito é então, resultado de um processo histórico. Dessa forma, as identidades são historicamente

construídas, e esse processo acontece no contexto social. Não é possível separar o estudo da identidade do estudo da sociedade. As diferentes formas de identidade estão diretamente relacionadas com as diversas formas de ordem social (CIAMPA, 1984).

Coutinho, Krawulski e Soares (2007) corroboram essa idéia afirmando que sujeito e sociedade estão em uma relação dialética, a partir da qual um se identifica e se transforma a partir do outro. As relações sociais têm papel fundamental no constante processo de produção das subjetividades. Somos nós que fabricamos as identidades no contexto cultural e social. (JACQUES, 1996; SILVA, 2004). “O sujeito ‘se entrega e retoma’ nas e das suas relações com a sociedade moderna” (LOPES, 2002, p.23, grifo do autor).

Uma outra questão importante para essa discussão é o processo de “alterização”. Esse processo acontece quando a identidade pressuposta (ou seja, a identidade que pressupomos existir) é eliminada e se desenvolve uma identidade posta como constante metamorfose. (CIAMPA, 1994). Isso, segundo o autor, permite ao sujeito deixar de presentificar a representação de si mesmo que havia sido cristalizada, em momentos anteriores, e deixar de repor a identidade pressuposta. Ou seja, a alterização acontece quando ocorrem mudanças significativas nas identidades.

Desse modo, as nossas identidades estão sempre em movimento, algumas mudanças parecem pequenas, mas, gradualmente, provocam mudanças importantes e assim ocorre a alterização.

A identidade não deve ser vista apenas como uma questão científica, mas, principalmente, como uma questão política. Se o problema das identidades está nas relações sociais, daí decorre a necessidade da realização de um projeto político, ou seja, é necessário não ser passivo diante das questões humanas, mas comprometer-se com a transformação da realidade. Ciampa (1984, p. 73) explica como seria esse projeto:

Trata-se de não contemplar inerte e quieto a história. Mas, de se engajar em projetos de coexistência humana que possibilitem um sentido da história como realização de um porvir a ser feito com os outros. Projetos que não se definem aprioristicamente por um modelo de sociedade e de homem, que todos deveriam sofrer totalitariamente (e identicamente), mas projetos que possam tender, convergir ou concorrer para a transformação real de nossas

condições de existência, de modo que o verdadeiro sujeito humano venha a existência.

Nesse sentido, conforme Brandão (1999, p. 35):

[...] os psicólogos, como os outros profissionais de serviço social, pedagogia, sociologia e antropologia, que estão atuando no desenvolvimento da comunidade, muitas vezes utilizam instrumentos de pesquisa e intervenção similares. Enquanto profissionais, todos estamos, independentemente da categoria, abordando os sujeitos comunitários, mergulhando na sua realidade e procurando com eles solução para a sua problemática. Entretanto, o que garante a especificidade nossa é que enquanto os outros estão enxergando uma mudança que se concretize como conscientização, educação libertadora, ou a formação de uma consciência de classe; os psicólogos comunitários estão investindo na identidade daqueles sujeitos.

Dessa forma, a intervenção psicológica na comunidade tem como objetivo facilitar o processo de desenvolvimento da identidade dos sujeitos comunitários. Assim, para Brandão (1999) o nosso foco, enquanto estudiosos da subjetividade, estaria sobre a identidade.

Diante de tudo isso, entendemos as identidades como um processo sócio-histórico, em constante movimento, uma construção social permanente. Assim, a identidade é: “sermos o Um e o Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infindável transformação” (CIAMPA, 1984, p.74).

## CAPÍTULO II: O CAMINHO METODOLOGICO

*“A felicidade não é uma estação aonde chegamos, mas uma maneira de viajar”.*

*Margareth Rinbeuk*

O presente estudo foi realizado a partir de uma metodologia qualitativa de pesquisa. O grupo analisado é composto por estudantes concluintes do ensino médio. Os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, além do fato de serem os alunos de faixa etária mais adiantada, comparada aos demais estudantes, estão passando por um momento de transição, de reflexão, de transformação das identidades. Isso devido ao fato de estarem concluindo o Ensino Médio e, principalmente, devido ao momento de escolha da profissão, do vestibular e, de casos de entrada no mercado de trabalho.

Quanto às escolas, o estudo foi realizado entre alunos das duas maiores escolas públicas de Ensino Médio da cidade de Campina Grande, a saber: a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida, mais conhecida como Colégio Estadual da Prata; e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Hortêncio de Sousa Ribeiro, também conhecido por Premen. Essas escolas, por serem as maiores, reúnem alunos com diversas características, origens e ideias e, assim, oferecem uma maior variedade de pensamentos e discursos. Desse modo, obtivemos um grupo mais heterogêneo, o que nos propiciou abordar as identidades considerando as diferentes características desses jovens.

A entrevista foi desenvolvida dentro da própria escola em horário mais conveniente para os alunos participantes, e com autorização da direção. O critério de abordagem foi por acessibilidade.

Para a realização das entrevistas estivemos diversas vezes nas escolas supracitadas, e em cada uma a presente pesquisa desenvolveu-se de forma diferente. Ao chegarmos ao Colégio Estadual da Prata, encontrávamos um grande número de alunos conversando na ampla área externa da escola, durante os intervalos e aulas vagas, e também após o término das aulas, tanto no turno da manhã, quanto durante a tarde. Com isso, pudemos observar o lugar de socialização da escola na vida dos jovens; percebemos que estes passam longos períodos conversando e interagindo com os colegas, dentro da escola. Observamos também certa facilidade para transitar pela área externa da escola, tanto para visitantes,

como a entrevistadora, como para os próprios alunos. Então, após a permissão da direção da escola, abordamos esses alunos que conversavam, ou transitavam por aquela área. Após explicitarmos o motivo de estarmos ali, realizávamos as entrevistas com os alunos que atendessem os critérios da pesquisa e desejassem participar dela.

Já no Premen, no turno da manhã, a direção da escola optou por convidar os alunos a participarem das entrevistas; não tendo sido possível a entrevistadora adentrar no pátio da escola durante o intervalo das aulas. No turno da tarde a entrevistadora pôde convidar, na sala de aula, os alunos que desejassem participar do estudo. No Premen, a circulação dos alunos durante o intervalo restringia-se ao pátio interno da escola. Apenas os alunos autorizados podiam deixar a escola, o que explicitou o maior controle exercido nessa instituição.

Realizamos as entrevistas tendo como base um roteiro de entrevista semi-estruturada (Apêndice A). Conforme Cruz Neto (1994) as entrevistas reforçam a importância da linguagem e do significado da fala, servindo como mecanismo de coleta de informações sobre determinada temática. A entrevista semi-estruturada é uma articulação entre as duas outras formas de entrevistas: a aberta, ou não estruturada, e a fechada, ou estruturada.

A entrevista permite que os participantes se expressem livremente a respeito da temática. Trata-se de um processo interativo flexível como apontam Nogueira-Martins e Bógus (2004), e que, conforme Varaschin (1998), valoriza a fala do sujeito. Foi utilizado um gravador digital para registrar as entrevistas mediante a devida autorização prévia dos entrevistados.

Em nosso trabalho, foram realizadas 15 (quinze) entrevistas com jovens, sendo 10 (dez) do sexo feminino e 05 (cinco) do sexo masculino. Destes entrevistados, 11 (onze) tinham 18 anos de idade quando as entrevistas foram realizadas, e 04 (quatro) tinham 19 anos. Destes, 09 (nove) eram alunos do Colégio Estadual da Prata; e 06 (seis) estudavam no Premen. Salientamos que, restringimos as entrevistas aos alunos com idade a partir de 18 anos, devido às normas exigidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com relação à realização de entrevistas com menores de idade. Conforme o referido órgão, é necessário que os pais ou responsáveis autorizem as entrevistas com quem ainda não completou os 18 anos de idade, sendo assim, optamos por entrevistar apenas os maiores de idade.

Boa parte dos entrevistados, disse ter começado a freqüentar a escola aos 3 anos de idade, outro grupo afirmou ter iniciado os estudos aos 4 anos, enquanto outros citaram as idades de 5, 6 ou 7 anos como início de suas atividades escolares. Com exceção de uma estudante, oriunda do Rio de Janeiro, todos os demais entrevistados afirmaram ter nascido no município de Campina Grande. Com relação aos bairros onde os estudantes residem, foram citados dez diferentes localidades em Campina Grande, sendo eles: Prata, Palmeira, Bairro Universitário; Araxá, José Pinheiro, Ligeiro, Santa Rosa, Bela Vista, Catolé e Vila Cabral. Também havia entrevistados que residiam nas cidades vizinhas de Queimadas e Lagoa Seca.

As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo. A técnica de análise de conteúdo sofreu duras críticas. Uma das principais afirmava que esse método fazia interpretação de textos, com pouca articulação com os contextos das mensagens veiculadas. Foi a partir dessas críticas que se desenvolveu a proposta de Minayo (1994) definida, pela autora, como método hermenêutico-dialético.

Nesse método, a fala dos sujeitos é contextualizada para que seja melhor compreendida, desse modo a análise parte do interior da fala do sujeito. A abordagem dialética atua em nível dos significados e das estruturas, entendendo essas últimas como ações humanas objetivadas e, logo, portadoras de significado.

O método tem dois pressupostos básicos que são considerados na interpretação dos dados. O primeiro é que não há consenso, nem ponto final na produção do conhecimento e o segundo é que a ciência se constrói na dinâmica entre razão e experiência.

O contexto socioeconômico e político, a análise das instituições, as comunicações individuais, e as observações de condutas, costumes, cerimônias e rituais são aspectos a serem considerados durante a análise dos dados.

A análise, proposta pela autora, divide-se em três fases principais. A primeira refere-se à *ordenação dos dados*. Nessa fase faz-se um mapeamento dos resultados obtidos, num processo que envolve aspectos como a transcrição de entrevistas, releitura e organização dos relatos. A segunda fase da análise é a da *classificação dos dados*. Nessa etapa é feita, após leitura exaustiva das entrevistas, a categorização dos resultados a partir do que é considerado relevante nas entrevistas. E na terceira fase, a *análise final*, é feita a articulação entre a fundamentação teórica e os dados obtidos em campo, respondendo as questões da pesquisa tendo por base os objetivos.

Por fim, atendendo aos critérios éticos, o desenvolvimento do estudo seguiu às normas do Conselho Nacional de Saúde, que através da Resolução N° 196, de 10 de outubro de 1996 (BRASIL, 1996) estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, tendo assim, sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, conforme Parecer anexado (Anexo I). Como exigido pela resolução acima citada, foi solicitado aos entrevistados a concordância em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II) após a explicação dos objetivos da pesquisa.

## CAPÍTULO III: “SER JOVEM PRA MIM?”: relatos dos jovens acerca da juventude e dos sentimentos relacionados a essa fase da vida

*“Leva muito tempo tornarmo-nos jovens”.*

*Pablo Picasso*

Neste, e no próximo capítulo, trataremos das entrevistas realizadas, dos relatos obtidos. Vale salientar, que todos os nomes dos entrevistados que foram citados, são fictícios.

Nossa primeira pergunta dizia respeito ao que é ser jovem, para os estudantes. Em seguida, questionamos os entrevistados acerca de como eles se sentem sendo jovens. Com essas perguntas objetivamos analisar as identidades construídas, como eles se vêem, como se sentem sendo jovens.

Consideramos, assim, que as emoções são fundamentais na constituição do psiquismo humano, devido a sua natureza mediacional. Como apontado por Lane (1995), elas estão presentes na construção das identidades, ou seja, a emoção também participa do processo de identificação, pois também “somos afetividade”.

### 3.1 SOBRE O QUE É SER JOVEM

Com relação à pergunta ‘Para você, o que é ser jovem?’, grande parte dos entrevistados afirmou ser essa fase da vida um momento de preparação para o futuro:

Ser jovem (pausa) é (pausa) se preparar pra vida, futuro, ter perspectiva. Não é só aquela coisa de curtidão, né? Que todo mundo fala, adolescência é o período, né? Eu acho que é um período de descoberta que você tá se preparando pro (pausa) pra fase adulta, né? acho que isso. (Antonia, 18 anos)

Ser jovem pra mim?... Assim, é uma... das fases que constrói o caráter da pessoa. É o que... vai refletir o futuro da gente, se a gente é... um... jovem tipo... que busca conhecimento, aprendizagem, é o reflexo que a gente vai ter no futuro, se a gente é uma pessoa desinteressada... o reflexo... no futuro... vai ser de uma vida malsucedida. (André, 18 anos)

Antonia e André referem-se à juventude como fase de preparação para o futuro. Segundo ela, todo mundo fala que a adolescência é um período de curtidão, mas, para ela, não é apenas isso. Essa fase da vida também corresponderia a um momento de formação para a vida adulta.

André refere-se à juventude como um momento de construção do caráter da pessoa. Essa fase traria assim conseqüências para o futuro, determinando se a vida do sujeito será malsucedida ou não.

Observemos que a palavra futuro é enfatizada nos discursos acima, inclusive no discurso de André ela aparece três vezes. Segundo Cavallaro (1999), a repetição de um mesmo termo deve ser interpretada como um instrumento de intensificação emocional. Isso chama à atenção para a importância dada pelo entrevistado a uma determinada questão.

Desse modo, a juventude é vista como um período decisivo para a definição de todo o futuro da pessoa, devido às importantes decisões tomadas nessa fase e as conseqüências decorrentes destas, como no discurso de Fernanda:

FERNANDA: Ser jovem é ter o direito de fazer suas escolhas pra o futuro. E ter a certeza que você tá fazendo a escolha certa pra não prejudicar depois... o futuro.

ENTREVISTADORA: Não se prejudicar depois?

FERNANDA: É..

ENTREVISTADORA: E como seriam essas escolhas?

FERNANDA: Tipo... fazer no caminho certo, ter suas responsabilidades, procurar fazer as coisas certas, e as escolhas profissionais também. (Fernanda, 18 anos)

Fernanda também fala na juventude como fase de preparação para o futuro, salientando a importância de fazer as escolhas certas para não se prejudicar depois. Ser responsável, e assim, buscar tomar as decisões certas seriam fatores importantes nesse processo.

Dessa forma, o jovem é visto como alguém que está se preparando para o futuro. Dayrell (2003a) aponta ser esta uma visão comum dos jovens. Segundo ele, a juventude é por vezes vista como um 'vir a ser', uma condição transitória, o que é problemático, pois levaria a uma negação da vivência do presente. Desse modo, o momento atual do jovem deixa de ser visto como espaço válido de formação, pois "A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma" (DAYRELL, 2003a, p.42).

Para Castro, Abramovay e De Leon (2007) o jovem é o amanhã, mas também é o hoje, havendo assim uma relação dialética. A juventude deve, então, ser pensada como presente e também como futuro; não apenas como uma ou outra condição. No que se aproximam de Abad (2003) que também desvincula a juventude da ideia de transição; afirmando que a juventude passa, mas também fica. A perspectiva do CONJUVE (2006, p.20) está de acordo com essa ideia, ao afirmar que com relação à juventude “não são só as possibilidades de formação para o exercício da vida adulta que tem que ser considerados, mas também as possibilidades para a vida juvenil”.

Outros entrevistados ressaltaram também a ideia de juventude como fase de preparação para o futuro, mas também afirmaram que a juventude é uma fase para ser aproveitada, uma época de diversão.

[...] mas pra mim ser jovem é você ter, começar a ter responsabilidade na vida, lá onde começa mesmo... onde... onde você vai definir o seu futuro, onde você vai decidir pra onde você quer seguir, então essa é minha opinião de ser jovem... mas lógico sempre... sempre... levando pro lado da diversão, se divertindo, porque jovem... jovem sem diversão não é jovem, então esse é o meu ponto de vista de jovem.  
(Túlio, 19 anos)

Assim, para o entrevistado, tanto a preparação para o futuro, quanto à diversão caracterizariam a juventude. Túlio aponta que na juventude se começa a ter responsabilidade; esta seria a fase onde se define o futuro; mas ao mesmo tempo, esse também seria um momento de diversão; pois o jovem não seria jovem sem isso.

Quanto à diversão, ela também foi apontada por outros entrevistados quando perguntados sobre o que é ser jovem, mas esses, por sua vez, não explicitaram a questão da preparação para o futuro, valorizando a diversão como característica fundamental da juventude. Segundo eles ser jovem é ‘saber viver’ e ‘curtir a vida’:

Ser jovem é saber viver, curtir a vida. (Adelaide, 19 anos)

Jovem é ir pra festa, aproveitar muito, ter amigo, sair... diversão. (Tainá, 19 anos)

Assim, para esses entrevistados, gostar de festas, curtir a vida e também saber viver, seriam características das identidades dos jovens. Com relação a isso,

Dayrell (2003) aponta também a existência de uma visão da juventude como tempo de prazer, de liberdade, de comportamentos exóticos. Segundo o autor, tal visão resultaria, dentre outros fatores, da influência da indústria cultural, e do mercado de consumo voltado para os jovens.

Ainda com relação a isso, os entrevistados apontaram que esse ‘saber viver’ significa para eles, agir segundo a própria vontade, sem importar-se com a opinião dos outros:

ALINE: Ser jovem é saber viver, porque as pessoas dizem que a pessoa ser jovem não pode fazer tudo, tudo o que... dá na telha, por ser muito jovem assim e tal... mas se a pessoa deixar de fazer o que ela quer, no futuro ela vai querer fazer e não poder fazer mais. Muitas vezes os pais não deixa sair quando é jovem aí.. quer sair quando tá casado, e o marido não deixa. Ai sempre tem essa... esse porém.

ENTREVISTADORA: Como seria saber viver?

ALINE: Saber aproveitar a vida. Não... não... pensar, entre aspas, que o povo fala, mas se eu for pensar em tudo que eu for falar, a pessoa não vive, não faz nada que dê vontade, vai deixar de fazer as coisas por causa dos outros. (Aline, 18 anos)

Como percebemos na fala acima, Aline afirma não concordar com a ideia de que os jovens não podem fazer tudo. A juventude deve, segundo ela, fazer tudo o que quiser, pois senão, no futuro vai querer fazer tais coisas e não poderá mais. ‘Saber viver’ corresponderia, a aproveitar a vida, sem considerar a opinião dos outros. Para a entrevistada, se o jovem for pensar no que as outras pessoas dizem, não vai fazer nada do que tiver vontade. Nisto percebemos fortes sinais do individualismo que permeia, não só a juventude, mas toda a sociedade atual. O desejo de fazer tudo que se tem vontade é um desses sinais, pois reflete a valorização da satisfação dos próprios desejos, independente das demais pessoas. Conforme Bauman (2008) dispor os membros como indivíduos é uma das marcas da sociedade atual. Assim, a sociedade atual está constantemente individualizando os sujeitos.

O individualismo, segundo Silva (2009), é um dos grandes fatores que participam da construção das identidades na contemporaneidade. Gonçalves (2005) também fala no individualismo como marca da sociedade atual, apontando os jovens como os mais vulneráveis aos apelos do individualismo. Salientamos que esse individualismo também se faz notar em outros trechos das entrevistas, como veremos posteriormente.

Também percebemos, no relato de Aline, a ideia de que só é possível 'curtir a vida' na juventude. Demonstrando a valorização da juventude, em detrimento das demais fases da vida, como se só fosse possível se divertir, enquanto se é jovem. Como apontado por Pais (2009) a juventude passou a ser vista como 'geração vanguarda', ou seja, como um modelo de referência. Assim, os mais velhos fazem de tudo para parecerem mais novos:

Atualmente, ser jovem tornou-se prestigioso, pois, no mercado dos signos, aqueles que expressam *juventude* são altamente cotizados, e o intento de *parecer jovem*, recorrendo a incorporação dos signos que caracterizam o juvenil, dá lugar a uma modalidade do jovem independente da idade e que podemos chamar de "juvenilização da cultura", ou seja, a aquisição e exibição do juvenil como diferença, colocado no lugar mais visível socialmente, isto é, no próprio corpo. Isso que a juventude pretende ser (o é realmente?) é um produto que vende (ABAD, 2003, p. 27, grifos do autor).

Nessa perspectiva, o 'ser jovem' também foi apontado, pelos entrevistados, como um estado de espírito, uma maneira de agir. Segundo Artur, qualquer um pode ser jovem, se agir como tal:

Ser jovem é a pessoa... sempre ter aquele espírito de juventude independente da idade... não é ser jovem como é por aí... ir pra festa, beber, farrar. Ser jovem é sempre ser espontâneo, independente dos problemas, independente da idade sempre manter aquele espírito de jovem mesmo. [...] eu acho que jovem não se carrega... não se qualifica como uma categoria... criança, adulto, jovem não... jovem... quem quiser ser jovem é pra sempre ser... quem quiser... o importante não é a idade, é como a pessoa se sente... isso é que é ser jovem. (Artur, 18 anos)

Assim, para o referido entrevistado, ser jovem corresponderia a ter o chamado 'espírito de juventude'; ou seja, a juventude não seria um período cronológico; nem ir para festas; mas sim uma forma de agir que qualquer pessoa, em qualquer idade, poderia desenvolver. Tal forma de agir, refere-se a ser sempre espontâneo independente dos problemas ou da idade; para Artur, isso é ser jovem.

Nesse discurso, percebemos claramente o que Dourado e Leibing (2002) chamam de 'descronologização da vida'. Segundo as autoras, na contemporaneidade, a juventude deixou de ser considerada um grupo etário e tornou-se um bem, que pode ser adquirido através de formas de consumo

adequadas e estilos de vida. Abad (2003) também indica essa transformação da juventude em um produto que se vende.

Nisto percebemos também uma preocupação com a juventude eterna, uma necessidade de alongar esse período, diante da valorização extrema da juventude na sociedade pós-moderna. Com relação a isso, Silva (2009) aponta os conceitos de máscara e *ageless* como freqüentemente usados para tratar da questão da dicotomia entre o corpo que envelhece e o 'espírito de juventude'. Segundo a autora, máscara de idade seria, na percepção dos sujeitos, um invólucro que envelhece com o tempo, enquanto o seu 'verdadeiro eu' permanece jovem. Já o *ageless*, ou ausência de idade, refere-se a ideia de que o eu não está submetido a uma marcação etária. Desse modo, percebemos na fala de Artur, essa preocupação de manter a juventude diante do envelhecimento do corpo: “[...] quem quiser ser jovem é pra sempre ser... quem quiser... o importante não é a idade, é como a pessoa se sente... isso é que é ser jovem”.

Assim, as pessoas desejam permanecer jovens para sempre, desejam manter essa identidade por toda a vida, como se isso fosse possível. Vasconcelos (2010) também aponta essa busca constante, na modernidade, por uma identidade imutável. O fato de ainda se falar na ideia de uma suposta completude; nos levaria a buscar essa identidade fixa, que, na verdade, não pode ser atingida.

Como vimos, então, para o entrevistado Artur, a juventude não se caracterizaria enquanto período cronológico, mas seria jovem qualquer um que fosse espontâneo, independentemente dos problemas, como, para ele, os jovens são. Mas, em outra entrevista encontramos a ideia de que o jovem é uma pessoa que está passando por uma faixa etária específica, quando Luana, de 18 anos, afirmou que ser jovem é: “Ter menos de 18 ou... ter no máximo 20 (risos)”.

Ainda quando questionamos sobre o que é ser jovem, um dos entrevistados falou-nos acerca do que, segundo ele, representa uma mudança na juventude atual, com relação à de gerações anteriores. Para Guilherme, de 18 anos, a juventude atual é acomodada, diferentemente do 'jovem de antigamente', que, segundo ele, “trabalhava” mais pelas coisas:

[...] o jovem de antigamente eu achava mais esperto pra certas coisas, o jovem de hoje em dia é muito acomodado pelo meu ponto de vista é... o jovem de antigamente ele trabalhava mais pelas coisas, eu acho, né? Hoje em dia o jovem tá muito acomodado, antigamente o jovem não ia aceitar a passagem

de ônibus a quase dois reais numa cidade como Campina Grande [...] É... e o jovem de hoje em dia ele aceita as coisas muito fácil, muito fácil e num vejo os jovens com tanto sonho assim como o jovem de antigamente [...] (Guilherme, 19 anos)

Segundo Guilherme, o jovem atual seria acomodado, porque depreda órgãos públicos, não se importa com coisas importantes e não se preocupa com o futuro do país:

[...] 'Tá' muito acomodado, principalmente o jovem paraibano. Num faz... nada pra mudar o futuro do país [...] mas tem as exceções, claro, mas a grande... tem uma grande maioria que num tá nem aí pra vida... vê que é jovem e num tá nem ligando, pra certas coisas que são bastantes importantes, como educação... respeitar o órgão público...o federal, também não danificando bem públicos que eu vejo, muita... muitas pessoas, muitos jovens que era pra dá exemplo denegrindo bem públicos, isso é jovem? isso vai ser o futuro do país? o país vai ser o quê? Um bando de vândalos, e isso será passado para filhos e filhas... e por aí vai... (Guilherme, 19 anos)

Uma das causas para essa situação, segundo Guilherme, seria a fragmentação que estaria ocorrendo na família, pois as pessoas “não tem mais noção do que é família”.

[...] eu vejo assim que tem que ter um investimento mais na família também como... é.... a família hoje tá muito fragmentada [...] É... família fragmentada é aquela família que... não tem mais noção de família, o que é família, é uma coisa unida... uma coisa que faz tudo um pelo outro... (Guilherme, 19 anos)

Assim, a família fragmentada deveria ser objeto de intervenção do estado.

[...] eu acho assim... que o governo tem que investir também na família, não só nas escolas, se... ele investir nas escolas... no jovem de hoje em dia, vai ser o adulto de amanhã e o adulto de amanhã com certeza vai ter uma mentalidade bem melhor que o adulto de hoje em dia... (Guilherme, 19 anos)

Observa-se assim, no discurso de Guilherme, uma preocupação com questões de cunho político, percebemos ideias relacionadas à necessidade de que os jovens se articulem politicamente, e percebam sua responsabilidade para com o país. Segundo o entrevistado, os jovens, hoje acomodados, deveriam se mobilizar para cooperar na construção do Brasil, no entanto, o seu discurso é direcionado para uma questão mais restrita, dando ênfase à família.

Boghossian e Minayo (2009, p. 413) assinalam a existência do desinteresse dos jovens com relação às formas tradicionais de participação política:

Ressalta-se, nesse ponto de vista, o pessimismo quanto à participação da juventude contemporânea, muitas vezes em comparação com outras gerações. Num esforço de desmistificação, os pesquisadores têm buscado revelar as formas concretas pelas quais os jovens participam socialmente e suas motivações para a participação. Autores nacionais e internacionais ressaltam a inadequação de práticas e espaços políticos tradicionais e, também, de indicadores e categorias comumente utilizados para avaliar a participação juvenil, em relação aos interesses e experiências reais de jovens de diferentes contextos e identidades.

Para a UNESCO (2004) a juventude oscila entre períodos de visibilidade política e outros de grande retração e invisibilidade. A corrupção, a falta de transparência e de eficácia, presentes nos governos, dentre outras questões levariam a chamada ‘apatia juvenil’. No entanto, no mesmo documento, salienta-se que os jovens participam, e com grande entusiasmo, quando percebem que podem incidir realmente sobre as decisões.

Com relação a isso, temos que considerar também o que Bango (2003) diz. Segundo ele, é um erro comparar esta geração com as antecedentes, e isso pode, inclusive, levar a um reforço do estigma da juventude como problema. Afirmar que a juventude atual é hedonista, pragmática, descrente, ou qualquer dessas características negativas, seria um erro. Pois isso surgiria da comparação entre as formas de ser da juventude atual, e os modos de ser das gerações anteriores; e assim caracterizaria o jovem como problema, colaborando com a manutenção desse estigma da juventude. Sendo assim, é preciso se questionar com que lentes a sociedade olha para a juventude, quando fala que esta passa por um processo de esfriamento, apatia, indiferença, dentre outros.

### 3.2 SOBRE COMO OS ENTREVISTADOS SE SENTEM SENDO JOVENS

Com relação à pergunta de como eles se sentem sendo jovens, grande parte dos entrevistados afirmou que se sente ‘bem’. O se sentir bem foi associado a diversos aspectos, como evidencia a fala a seguir:

Como eu me sinto? Me sinto bem, é uma fase muito... (pausa) muito, creio que é uma fase... de muitas descobertas, eu adoro ser jovem, adoro os meus amigos, adoro minha família, adoro a

escola, adoro estudar... adoro... quero muito... adoro essa responsabilidade que eu tenho... para com os meus pais, com os meus amigos, então me sinto muito bem sendo um jovem, se pudesse, queria ser jovem pra vida inteira, adoro ser jovem mesmo... adoro, adoro. Creio que seja a melhor fase da vida. (Túlio, 18 anos)

Túlio diz se sentir bem sendo um jovem, essa é a melhor fase da vida. Sendo assim, Túlio afirma que esta seria uma fase de muitas descobertas, e que ele adora. O entrevistado diz adorar ser jovem, adorar os amigos, a família, a escola e também as responsabilidades que tem; afirmando que se pudesse, continuaria jovem pela vida inteira. Observemos a valorização da juventude, entendida como a melhor fase da vida, o que corrobora as falas anteriormente citadas e evidencia, como já explicitado, a exaltação da juventude nas sociedades modernas.

No discurso de Túlio percebemos também a repetição da palavra 'adoro', que aparece dez vezes. Como já apontamos, a repetição da mesma palavra diversas vezes no mesmo discurso evidencia uma intensificação emocional (CAVALLARO, 1999).

Já Priscila, abaixo, diz se sentir bem como jovem devido ao fato de ter mais saúde do que seus pais, que teriam problemas. A saúde aparece associada à juventude:

Eu me sinto bem. [...] Eu me sinto com mais saúde do que os meus pais, porque os meus pais têm problemas de saúde, me sinto uma pessoa com saúde... (pausa) sei lá...(risos) num sei. (Priscila, 18 anos)

Conforme Dourado e Leibing (2002) a velhice em nossa sociedade está associada à doença; por conseguinte à juventude é relacionada à saúde. Com relação a isso, Nogueira (2003) fala sobre o que Illich chamou de 'a busca patogênica da saúde'; segundo ele, existe na contemporaneidade uma preocupação permanente com a própria condição de saúde, isso faria parte do estilo de vida atual. Esse modo de vida tem como base a idolatria ao corpo e da saúde do corpo, e é alimentado pela mídia, pelas academias, pela indústria e por todos os interessados em vender o auto-cuidado. A higiomania, ou mania com a própria condição de saúde, faria assim, parte do estilo de vida da contemporaneidade. Desse modo, percebemos como esse estilo de vida sempre preocupado com a condição de saúde

se faz presente na vida das pessoas, que procuram 'se cuidar' para que minimizem os efeitos da passagem do tempo; e, assim, permaneçam jovens.

Antonia, por sua vez, diz se sentir bem e gostar de ser jovem por não encarar essa fase como uma brincadeira, mas sim como uma fase séria:

ANTONIA: Bem, eu me sinto bem.

ENTREVISTADORA: Bem?

ANTONIA: É (pausa) eu gosto de ser jovem (pausa) encaro a juventude como uma fase séria, não como apenas brincadeira (pausa) é, é isso, eu gosto de ser jovem. (Antonia, 18 anos)

Com isso, Antonia se aproxima dos discursos dos entrevistados que afirmaram que, como jovens, sentem que 'tem uma responsabilidade grande':

FERNANDA: Tem sempre responsabilidade, eu não gosto muito não...

ENTREVISTADORA: Não gosta?

FERNANDA: Prefiro ser criança (risos)

ENTREVISTADORA: Prefere ser criança?

FERNANDA: É, muitas responsabilidades, você tem que fazer muitas escolhas.

ENTREVISTADORA: Muita responsabilidade?

FERNANDA: É... (Fernanda, 18 anos)

Fernanda aponta que suas escolhas implicam em muita responsabilidade, e isso a levaria a preferir continuar sendo uma criança. No que ela se diferencia de Antonia que afirmou gostar de ser jovem, por encarar essa fase da vida como algo sério. Sendo assim, percebemos que as identidades dos estudantes também são influenciadas por esse sentimento de responsabilidade, e também pelo receio que parece surgir daí. Essas responsabilidades, que parece causar temor nos estudantes, seriam tanto em relação à família, como também em relação à sociedade:

ANDRÉ: [...] Sendo que eu tenho uma responsabilidade muito grande, porque um dia o... futuro... de... pessoas, que serão da minha família, está nas minhas mãos (pausa) e até mesmo da sociedade que eu faço parte.

ENTREVISTADORA: Até mesmo da sociedade?

ANDRÉ: É... (André, 18 anos)

Em estudo realizado por Brandão (2009), a responsabilidade, juntamente com a liberdade, também foi citada, pelos jovens, vinculada à concepção de juventude. É

necessário ter responsabilidade com relação às escolhas, desse modo, enquanto jovens, eles estariam assumindo a possibilidade de decidir questões importantes sobre seu futuro, e, assim, tornando-se responsáveis por suas próprias vidas. Tal responsabilidade também estaria relacionada à incerteza com relação ao futuro. A relação entre juventude e responsabilidade demonstraria o receio dos jovens diante das inseguranças sociais típicas da sociedade moderna. Sendo assim, a responsabilidade surge como condição para o jovem pensar no futuro.

A juventude também foi associada a se sentir 'feliz'. Esse sentimento foi associado às atividades desenvolvidas, como estudo, trabalho, namoro, festas... Como afirmou Aline, de 18 anos: "Me sinto feliz, no momento eu faço o que eu quero, meus pais deixam né? É... (pausa) estudo, trabalho...". Outro entrevistado afirmou que:

ENTREVISTADORA: Como você se sente sendo um jovem?

MARCOS: Muito feliz.

ENTREVISTADORA: Feliz?

MARCOS: (Pausa) É... tô na flor da idade, né? Ser jovem é tudo. Nunca queria deixar de ser jovem. [...] Num sei explicar bem, mas... (pausa) namoro é... (pausa) festas, mas tirando tudo isso, né? eu queria... (pausa) num sei explicar, mas... no meu caso, né?, eu sendo jovem, eu tô muito atrás de fazer cursos, eu não sou muito de festas, sou mais de namorar e... de estudar, estudo muito. Ai eu já tenho alguns cursos, mas não estou preparado... ainda falta muito. (Marcos, 18 anos)

Assim percebemos que Marcos afirma se sentir feliz sendo um jovem. Ele diz estar na 'flor da idade'; 'não sabe explicar bem', mas ser jovem é tudo para ele, que gostaria de permanecer para sempre jovem. Namoro, festas e também os estudos, são para ele fatores que fazem parte da experiência de ser jovem.

Quando Marcos associa à juventude a 'tudo' e afirma querer ser jovem para sempre, podemos pensar, mais uma vez, na juventude vista como melhor fase da vida. Segundo Kehl (2004, p. 90), há um prestígio da juventude na atualidade, e isso seria algo recente:

"O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos", escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. "Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade". O escritor estava se referindo aos sinais de respeitabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa em ostentar, na primeira metade do século XX. Um homem de 25 anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessário para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18. Homens e mulheres eram

mais valorizados ao ingressar na fase produtiva/reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 1950, de adolescência (Grifos da autora).

Sendo assim, a juventude deixou de ser apenas a fase de latência entre a infância e a vida adulta e tornou-se a fase áurea da vida.

## CAPÍTULO IV: “O FUTURO ?”: relatos dos jovens sobre seus planos para o futuro e a participação do Estado nesse processo

*“Eu nunca penso no futuro. Ele não tarde a chegar”.*

*Albert Einstein*

Em nossas entrevistas, também questionamos os estudantes acerca dos seus planos para o futuro. Sobre o que planejam e que acreditam ser necessário para realizar esses projetos, a existência de planos alternativos aos iniciais e sobre como se imaginam com a idade dos pais. Também perguntamos aos entrevistados acerca da participação do governo na realização desses planos.

### 4.1 SOBRE PENSAR NO FUTURO

Assim, com relação à pergunta: “Você costuma pensar no seu futuro?”, todos os entrevistados afirmaram que sim. O pensar no futuro, para alguns seria essencial para o jovem, já que ele não sabe o que está por vir, mas precisa se preparar para isso:

PRISCILA: Com certeza. Acho que é essencial assim, nessa idade, pensar no futuro.

ENTREVISTADORA: É essencial?

PRISCILA: É essencial.

ENTREVISTADORA: E porque você acha que é essencial?

PRISCILA: Porque eu acho que exige cada época da sua vida. A época da infância que é pra você brincar, a época da adolescência que é pra você curtir... mas também não só curtir, mas também pensar no futuro. Porque se você deixar pra quando for tarde demais, não tem como voltar atrás, então você tem que... qualificar cada época da sua vida pra que depois você num venha a se arrepender das suas decisões.

Sendo assim, segundo Priscila, o jovem precisa pensar no futuro para se preparar, pois depois pode ser tarde, pode tomar decisões erradas. A cada época da vida corresponderia uma atividade principal, a infância seria para brincar, enquanto a juventude seria para curtir, e, também pensar no futuro. Isso para que depois você não tenha que se arrepender de suas escolhas.

Em diferentes falas no defrontamos com essa preocupação dos jovens com relação ao futuro:

[...] é uma coisa que a gente não sabe como é que vai ser, quem é que não pensa como é que vai ser amanhã... ninguém sabe... a gente já fica preocupado com o que é que vai ser amanhã imagine daqui a 10 anos eu já vou tá com 28 anos que eu vou ter na minha vida? Quem já é empregado, quem já é tudo já fica preocupado com o amanhã e a gente que ainda tá se preparando, será que a gente vai conseguir? Se a gente não conseguir o que é que a gente vai fazer? (Artur, 18 anos)

Artur aponta o fato de que ninguém sabe como será o amanhã, salientando a preocupação com emprego, e com o que vai acontecer se ele não conseguir.

Já Rebeca, abaixo, afirma que se soubéssemos o que acontecerá no futuro, corrigiríamos os nossos erros, mas por outro lado a vida não teria graça se conhecêssemos o dia de amanhã. No entanto, faz-se necessário pensar no que está por vir.

[...] Por que se soubéssemos, logicamente a gente corrigia os nossos erros, né? Mas como é que vida teria graça, né? no caso. Não teria graça se a gente soubesse o dia de amanhã. [...] O futuro? Penso muito no meu futuro, né? Porque... ninguém sabe, né? Como é que vai ser daqui a uns dois anos, três anos, né? na minha vida. Num sei se eu vou passar no vestibular, se num vou passar [...] (Rebeca, 18 anos)

Assim, apesar de Rebeca afirmar que é bom não saber o que está por vir, fica claro, em sua fala, a preocupação com o futuro desconhecido, certo receio do que está por vir. Assim, as identidades dos jovens são também construídas a partir dessa necessidade de se prepararem para o futuro – e do medo desse futuro.

Sobre os planos para o futuro Furlani e Bomfim (2010, p.56) apontam que eles são:

[...] uma questão de fundamental importância na vida de qualquer ser humano que se posiciona de maneira crítica e coerente diante de si mesmo e do meio em que vive. Tal questão, para os que vivem a juventude, é um grande desafio.

Conforme Bauman (1998) há, atualmente, uma constante preocupação com o que está por vir, uma incerteza com relação ao futuro. A partir das constantes e

aceleradas transformações percebe-se que o futuro não será como o presente, e isso se torna uma incessante fonte de temor. No entanto, conforme o autor, a esse sentimento de incerteza acompanharia a percepção de que existe pouca coisa que o indivíduo possa fazer para assegurar a realização de seus objetivos futuros, pois haveria uma sucessão de futuros se dissolvendo no presente.

Outros autores (Bango, 2003; Novaes, 2003; Dourado; Leibing, 2002), também explicitam essa questão. Bango (2003), por exemplo, afirma que na modernidade, o conhecimento deixa de ser uma alternativa racional de compreensão do mundo; e assim surge a 'dúvida radical'. Todo esse processo resulta na incerteza existencial da pessoa acerca do futuro. Para o autor, o presente tornou-se uma dimensão privilegiada de existência devido às muitas possibilidades que cabem nele:

A possibilidade de ver, ao mesmo tempo, imagens da Somália, de Kosovo, Chiapas ou do Oriente Médio traz uma consciência do agora que destrói a distância entre a geração do fato e a sua recepção, criando um sentimento de contingência muito forte: tudo pode ocorrer num abrir e fechar de olhos (BANGO, 2003, p. 37).

A comunicação imediata como algo possível, e as constantes trocas culturais, colocam o indivíduo numa nova posição em relação ao mundo. Nessa posição, o presente tem inúmeras possibilidades de existência. O futuro torna-se impensável, diante das contingências do presente, não se pode pensar no que ocorrerá futuramente, há um receio com relação isso.

Novaes (2003) também indica esse medo do futuro, que assim como o medo da morte, perpassa pelas identidades da juventude atual. Esse temor do que está por vir, se relacionaria, principalmente, com a questão do mercado de trabalho, cada vez mais restritivo e mutável. Assim, o medo do futuro seria quase um sinônimo do medo de não encontrar espaço no mundo do trabalho, e atingiria de diversas formas diferentes classes sociais. Percebemos isto claramente no discurso supracitado de Rebeca, que se questiona acerca da entrada na universidade; e principalmente, no de Artur que se pergunta se vai conseguir se inserir nesse mercado de trabalho.

Nesse sentido, outros entrevistados, quando questionados sobre se costumavam pensar no futuro, se remeteram aos estudos, ao trabalho, e também à constituição de uma família:

ENTREVISTADORA: Você costuma pensar no seu futuro?

FERNANDA: Costumo.

ENTREVISTADORA: E como é que você pensa no seu futuro?

FERNANDA: Ter um trabalho bom, ter filhos, casar e... ter uma renda boa pra conseguir me sustentar. [...] (Fernanda, 18 anos)

ENTREVISTADORA: Você costuma pensar no seu futuro?

TÚLIO: Muito, bastante. Sempre pensando no meu futuro... ah, é um sonho meu constituir família,... trabalho... é... é um sonho, penso bastante no meu futuro, me preocupo com ele, quero muito ter... uma família, ter filhos e poder dar tudo de melhor pra eles... ah... cuidar dos meus pais quando eles estiverem mais velhos e ... eu estiver trabalhando, penso muito na minha família assim, penso muito na minha família, no meu futuro, penso bastante. (Túlio, 19 anos)

Com isso, esses entrevistados aproximaram-se das respostas dadas a pergunta seguinte do nosso roteiro, sobre quais seriam os planos para o futuro .

#### 4.2 SOBRE OS PLANOS PARA O FUTURO

Com relação à pergunta “Você tem planos para o futuro?”, todos os entrevistados disseram ter planos, como podemos observar a seguir:

ENTREVISTADORA: Você tem planos para o futuro?

TAINÁ: Terminar esse ano, se passar no vestibular, fazer a universidade de odontologia, se não passar, fazer curso, fazer concurso, trabalhar... (Tainá, 18 anos)

Tenho, é... eu pretendo... cursar a faculdade de... da carreira militar, mas não nesse ano, que nesse ano deu algumas coisas erradas, mas é posteriormente eu pretendo, sim, seguir a carreira militar, mas no momento se eu passar no vestibular esse ano, se num passar, conseguir um emprego formal pra tentar pagar alguma faculdade particular e se não, eu vou fazer, tentar novamente na federal ou na estadual pra ver se eu passo em algum curso bom ou então se não passar em nenhum curso bom, vou tentar... continuar tentando a carreira militar. Mas no momento, eu pretendo fazer Odontologia e Arte e Mídia na UFCG (Guilherme, 18 anos)

Tenho. Já... nesse vestibular eu quero passar, porque eu tô estudando, eu pretendo ser um engenheiro. (Marcos, 18 anos)

A entrevistada Tainá afirma que pretende fazer faculdade, se passar no vestibular; se não passar, vai fazer cursos, concursos ou trabalhar. Já Guilherme diz que pretende seguir a carreira militar, mas não neste ano. Se passar no vestibular,

ele irá cursar a faculdade, senão conseguirá um emprego para pagar uma faculdade particular. Marcos, por sua vez, diz que pretende ser aprovado no vestibular para seguir a carreira de engenheiro.

Com isso, percebemos como as identidades dos jovens envolvem os papéis sociais de estudante, e também de trabalhador. Quando eles pensam no futuro, pensam em desenvolver esses papéis pressupostos, como diria Ciampa (1984; 1994). O referido autor, como já explicitado, sublinha que nós somos nossas ações. É pela prática que somos construídos; o que evidencia a relevância da ação na construção das identidades. Nesse processo estamos sempre desempenhando algum 'personagem' e assim expressando uma parte da nossa totalidade, parte da nossa identidade.

Conforme Leite (2003) ser um 'trabalhador' ainda é um valor básico em nossa sociedade, isso porque o trabalho continua sendo um valor ou referência importante, sendo assim, 'ser trabalhador' é parte importante da construção das identidades dos jovens. O trabalho é um dos componentes essenciais da construção do jovem como cidadão; no entanto, esse jovem é justamente o mais atingido pelas dificuldades de acesso ao mercado de trabalho.

Com relação à educação, ela também é percebida pelos jovens como essencial para a construção do futuro (Oliveira et al; 2001), tendo assim importante papel nas transformações das identidades. Em estudo realizado por esses autores, a percepção da educação como fator importante para o futuro decorre da

[...] associação do estudo como elemento facilitador da ascensão social desses jovens, seja essa mobilidade social garantida por um melhor emprego ou profissão, seja assegurada por elementos abstratos como "ser alguém na vida", afirmação essa provavelmente associada ao sucesso financeiro (OLIVEIRA et al, 2001, p. 250, grifo dos autores).

Ainda com relação à essa questão, outros entrevistados, além do estudo e do trabalho, apontaram a questão de constituir família como parte integrante dos seus planos para o futuro, evidenciando como os papéis que os estudantes desempenham em suas famílias também são importantes na construção das identidades destes. Tanto 'constituir família' como 'dar orgulho para os pais' foram citadas como parte dos projetos de futuro:

Bem... eu quero fazer o curso superior de arquitetura (pausa) conquistar um emprego, quero também me casar (pausa) constituir uma família, ter filhos e num futuro mais breve eu pretendendo além de concluir o ensino médio, começar a, a trabalhar... ter alguma coisa na qual possa me basear para construir meus... meus sonhos. [...] (André, 18 anos)

Como eu tava dizendo, eu pretendo estudar, depois eu pretendo ingressar na universidade, me formar e ter minha família. Depois que eu estudar e tiver minha vida econômica financeiramente boa eu pretendo formar minha família (Priscila, 18 anos)

ESTELA: Ah, eu queria me formar.

ENTREVISTADORA: Se formar?

ESTELA: (Silêncio) É... assim...(pausa) construir uma carreira, né? (pausa) e... dar... assim orgulho pros meus pais... essas coisas assim...só. (Estela, 18 anos)

Sobre a participação da família nos planos dos jovens, Gonçalves (2005), a partir de semelhante pesquisa, aponta que a constituição da família também apareceu como parte dos planos dos jovens. Segundo a autora isso parece indicar que neste início de século XXI, a família permanece como pólo de aglutinação social no Brasil. A família ainda é uma forte referência das subjetividades, juntamente com a rede que se estrutura em torno dela. Sendo assim, apesar das pressões da modernidade contrárias a isso, a tradição cultural dos laços de parentesco, permanecem.

Admitindo que os laços de parentesco falam da tradição cultural e contrapõem-se aos padrões pós-modernos, seria preciso admitir aqui uma permanência da tradição, tornando tensos os apelos da modernidade (GONÇALVES, 2005, p.209).

Percebemos também, em todas essas falas, o anseio por condições financeiras estáveis; que decorreriam de sucesso profissional e seriam necessárias para a realização do desejo de constituir família. Brandão (2009) também identificou uma preocupação com a autonomia e a estabilidade financeira entre os jovens. Seria difícil para os jovens lidar com as limitações financeiras de suas famílias, nesses casos, a preocupação financeira faria parte, não só do futuro, mas também do presente. Esta condição poderia gerar tanto uma diminuição das expectativas de

sucesso, como também poderiam estimular um maior esforço dos jovens rumo a uma formação profissional de acordo com as exigências da sociedade.

Com relação ao desempenho de papéis sociais, seja de estudante, trabalhador, marido/esposa, pai/mãe, Freitas (2005) enfatiza, como vimos anteriormente, que é fundamental que a juventude não seja vista apenas como fase de preparação para que o jovem assuma os papéis sociais do mundo adulto. Isso porque, como afirmam Castro e Aquino (2005), essa ideia da juventude como preparação para assumir papéis sociais determinados, faz parte daquela visão comum dos jovens que sugere:

[...] que a transição é demarcada por etapas sucessivamente organizadas que garantem a incorporação pelo jovem dos elementos socioculturais que caracterizam os papéis típicos do mundo adulto (trabalhador, chefe de família, pai e mãe, entre outros): à frequência à escola se somaria, em primeiro lugar, a experimentação afetivo-sexual, que seria sucedida progressivamente pela entrada no mercado de trabalho, pela saída da casa dos pais, pela constituição de domicílio próprio, pelo casamento e pela parentalidade. Ao final deste processo, o jovem-adulto adentraria uma nova fase do ciclo da vida, cuja marca distintiva seria a estabilidade (CASTRO; AQUINO, 2005, p. 9).

Sendo assim, percebemos que, embora diversos autores (Dayrell, 2003; Abad, 2003; Freitas, 2005), alertem para a necessidade de se enxergar o jovem além da preparação para o futuro; parece que os próprios jovens ainda se vêem assim, sendo as suas identidades também construídas por essa ideia.

#### 4.3 SOBRE A NÃO CONCRETIZAÇÃO DOS PLANOS PARA O FUTURO

Aos entrevistados também perguntamos: “Caso os seus planos não se realizem, você teria outros?”. Com isso, buscamos investigar se faz parte das identidades dos jovens pensar em alternativas, caso seus projetos não se concretizem; e também conhecer quais seriam essas outras possibilidades. As respostas se dividiram em duas categorias: os que afirmaram que sim, tem outros planos; e os que apontaram que não tem outros projetos para o futuro.

Os que disseram possuir outros planos reafirmaram a necessidade de se preparar para o futuro. Alguns disseram que é fundamental ter outros projetos,

outros entrevistados afirmaram que tem outros planos, mas a prioridade é alcançar o projeto pensado inicialmente, como Túlio, abaixo, que afirma que devemos ter um plano B, pois é necessário se preparar para que o futuro não surpreenda a pessoa, e assim, os objetivos possam ser alcançados:

Claro, claro que sim. Creio que a gente precisa muito ter um plano B em nossa mente, nossas mentes... ah, sempre tive vontade de fazer alguma coisa que envolvesse criatividade, então, penso sim em seguir carreira em outros campos, em outras áreas sociais... ah... tipo, outro vestibular que eu vou prestar, não que eu queira tanto, mas é Arte e Mídia, que é uma coisa que envolve criatividade... ah... creio que você precisa ter o plano B, caso não dê certo; creio que você precisa ter uma (pausa) tipo uma questão de planejamento, porque o que você precisa... ah... ter... precisa ter tudo em mente, preparado, para que no futuro não ... o futuro não lhe preguie surpresas, não lhe preguie peças. Então creio que se você tiver um segundo plano, tudo planejadinho e direitinho, creio que você consegue chegar onde você quer ir. (Túlio, 19 anos)

Guilherme, por sua vez, diz que sempre há um plano B; que para ele seria fazer um curso técnico, e, dessa forma, ele poderia alcançar um futuro bom, ainda que não fosse o ideal. O estudante pretende dar alegria a mãe, o que seria seu principal objetivo de vida.

Tenho... sempre existe um plano B. se esses planos não se concretizarem, eu pretendo fazer um curso profissionalizante... pra ter um futuro, senão o que eu pretendia, mas um futuro bom, não só pra mim, mas pra minha futura família que eu pretendo formar e... minha própria família de hoje em dia, minha mãe, meus pais. Eu não vou ficar em casa, enquanto minha mãe trabalha e vendo ela trabalhar pra me sustentar, eu pretendo trabalhar pra me sustentar e sustentar ela, futuramente, quando ela não tiver mais capacidade de trabalhar e pretendo sustentar ela pra... (pausa) pra... tipo...recompor tudo que ela me deu até hoje, eu pretendo dar essa satisfação a ela, meu principal objetivo de vida é dar satisfação a minha mãe. (Guilherme, 19 anos)

Já André também disse ter outros planos, mas ele salientou que procura se embasar nos projetos iniciais; e apontou a importância de não parar de estudar.

Tenho alguns outros... mas eu procuro me embasar no meu primeiro plano, mas sempre existe um plano B e... possivelmente num futuro próximo a mim se eu conseguisse um emprego tenho planos de continuar estudando... não desistir de estudar porque o estudo é muito importante. (André, 18 anos)

Assim, ter outro plano aparece como uma necessidade. Caso o projeto de futuro que eles construíram não se concretize, é necessário encontrar outra forma de desempenhar as identidades de estudante ou de trabalhador, ou ainda de filho responsável. É preciso encontrar outra forma de alcançar os objetivos. Os planos alternativos são pensados pelos jovens como outras formas de exercer os papéis que planejaram inicialmente.

Percebemos nas falas também a necessidade de controlar o futuro, seria preciso organizar tudo, planejar e assim ter controle sobre o amanhã. Oliveira (2006, p. 10) afirma que o brasileiro tem uma visão positiva do planejamento, acreditando que se planejando, poderá facilmente controlar o futuro:

Aqui nosso sentimento positivo possivelmente vem até mesmo porque nos sentimos desolados com os péssimos resultados dos nossos planos e vemos a necessidade de controlar e fazer planos “que dêem certo” para o futuro (quem sabe não virá um plano que vai dar certo?) [...] O planejamento é visto como o processo de elaborar planos e tentar controlar o futuro, dividido em várias etapas sequenciais (estabelecer objetivos, fazer planos, executá-los etc.), como se fosse uma receita de bolo controlar o futuro (Grifos do autor).

Outras respostas dadas a esse questionamento se referiram ao casamento. A constituição de família foi amplamente citada quando questionamos os jovens sobre seus planos para o futuro, com relação a essa pergunta não foi diferente, Tainá e Priscila quando questionadas se teriam outros planos para o futuro, caso seus projetos iniciais não dessem certo, responderam que casar seria a única opção que as restaria, nos remetendo para questão de gênero. No entanto, as duas estudantes demonstraram discursos diferentes com relação a essa temática:

TAINÁ: Ah então, eu só vejo só mesmo casar... tá casada

ENTREVISTADORA: Só casar?

TAINÁ: Sim... se num der tudo certo, hein?.. se num ter estudo, num arrumar um emprego... a única opção é essa.(Tainá, 19 anos.)

PRISCILA: Outros planos? ... (pausa) Eu acho que se a mulher, ela não for... ela não tiver seu trabalho, não tiver seu estudo, ela vai depender do homem. E eu acho que isso é um costume muito errado assim... você pensar dessa forma, pelo fato de já ... já ... da vida da mulher, desde antes até agora, eu

acho que você deve pensar no que vai fazer... pensar em você... em você e no seu futuro... (pausa) e não ficar dependendo de marido, eu acho assim... (Priscila, 18 anos)

Conforme Tainá, o casamento seria a única opção caso seus planos não se concretizem, ou seja, caso ela não estude, nem consiga um emprego. Já Priscila, disse que a mulher vai depender do homem, se não trabalhar, nem estudar, o que seria um erro; pois a mulher deveria se preocupar consigo mesma e com o próprio futuro, e não depender de marido.

No entanto, percebemos que embora Priscila critique tal comportamento, ela não aponta outra alternativa para a mulher que não estude, nem trabalhe. Sendo assim, Tainá e Priscila parecem apontar o casamento como única alternativa para a mulher. Com isso podemos pensar sobre como o “ser mulher” se constrói nas identidades dessas estudantes.

Se por um lado, a emancipação feminina abriu para essas diferentes oportunidades para desempenhar a “personagem” de mulher; de outro o casamento permanece como fato social intimamente relacionado à construção das identidades das mulheres. Assim, nos perguntamos até que ponto o ‘ser mulher’ deixou de ser, ou continua sendo, sinônimo de ‘ser esposa’.

Negreiros e Feres-Carneiro (2004) apontam que desde pequenas as meninas são ensinadas sobre o que é ser mulher; assim como os meninos sobre o que é ser homem. Com relação ao casamento, existiriam diferentes visões, modernas e antigas, acerca dele circulando na atualidade, a despeito da ideia de que novas concepções sobre o casamento estão substituindo as antigas, os autores afirmam:

Esses ideais [de novos modelos de casamento] parecem ter sido mais absorvidos pelas mulheres, que manifestaram freqüentemente expectativas igualitárias, enquanto os homens mostraram-se mais apegados aos valores tradicionais (NEGREIROS; FERES - CARNEIRO, 2004, p.41).

Desse modo, a questão de ‘não depender de marido’, defendida por Priscila; estaria ligada à ideia de que conquistar direitos iguais é também não ter uma relação de dependência com o esposo. No entanto, ressaltamos que Priscila critica essa forma de agir, mas não aponta outras; reafirmando, assim, o casamento como única alternativa para a mulher.

Já com relação aos estudantes que afirmaram não ter outros planos, eles relacionaram isso a 'ter o foco', no momento, apenas nos projetos atuais e que só vão pensar nisso, depois.

ENTREVISTADORA: Caso os seus planos não se realizem, você teria outros?

ADELAIDE: Agora não... só... o foco é só... nesse plano que eu penso só...

ENTREVISTADORA: O foco é só nesses?

ADELAIDE: No momento é. (Adelaide, 18 anos)

ENTREVISTADORA: Caso os seus planos não se realizem, você teria outros?

ALINE (Silêncio) No momento só penso no que eu quero agora, o que eu penso mais pra frente, mas, agora, pensar no que eu quero muito mais, num vou conseguir fazer o que eu quero agora, pra fazer o que eu quero mais pra frente ainda (Aline, 18 anos)

Ainda com relação a isso, Antonia e Rebeca, abaixo, afirmaram que apenas quando estiverem diante da situação é que pensarão no que fazer. Para elas é complicado pensar em planos alternativos, afirmando a importância de continuar tentando alcançar os objetivos:

ENTREVISTADORA: Caso seus planos não se concretizem, você teria outros?

ANTONIA: (Silêncio) Ai é complicado responder, né? Porque eu acho que também já entra numa parte que você num (pausa) é uma coisa na hora, um momento, né? que sonho todo mundo tem, ai na hora é outra coisa, né? (pausa) ai se não der certo, se puder tentar de novo a gente tenta e se não der a gente corre atrás de outras coisas, e no final a gente (pausa) sempre consegue alguma coisa, eu acho, se a pessoa realmente quer, ela consegue. (Antonia, 18 anos)

REBECA: Não, até agora não veio nada na cabeça não... por que pra frente tem muita coisa, na atualidade, hoje, cada dia o mundo se renova no caso, cada dia tem uma proposta nova, mercado de trabalho é muito exigente... daqui pra lá a gente sabe quais cursos... é, como é que se diz?... os cursos profissionalizantes, porque hoje em dia não é como antigamente, hoje em dia, temos um pouco mais de oportunidade, só basta você tentar e querer, né?

ENTREVISTADORA: Só basta tentar?

REBECA: Só basta tentar... porque se você não tentar como é que você vai ver se você consegue? Porque só tentando é que

a gente vai saber se a gente consegue ou não. (Rebeca, 18 anos)

Sendo assim, as duas entrevistadas supracitadas, se aproximaram em seus discursos por terem apontado a questão do ‘tentar’ como fundamental para que se alcance o que se deseja. Para ambas, é preciso tentar, ‘correr atrás’. Com isso percebemos como a ideia de “querer é poder” se impõe na contemporaneidade.

Com relação à essa questão, Minetto e Martins (2001) afirmam que a ideia de que só a boa vontade resolve e “querer é poder” decorre da concepção de que tudo depende de cada um, ignorando as determinações sociais. Assim, esquece-se que querer é necessário, mas não suficiente.

#### 4.4 SOBRE O QUE É IMPORTANTE PARA REALIZAR ESSES PLANOS

Quando questionados sobre o que acreditavam ser necessário para concretizar seus planos, os estudantes fizeram referência, quase que exclusivamente, a fatores individuais. Demonstrando, assim, individualismo, como se tudo dependesse apenas de nós mesmos.

Como vimos, Bauman (2008) assinala que a sociedade está sempre nos “individualizando”, sempre nos colocando no lugar de indivíduos isolados, e assim, ela nos diz que somos autossuficientes. Hall (2006), ao fazer referência ao sujeito da modernidade, fala na figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.

Com relação a isso, Retondar (2007) afirma a existência de um isolamento ‘voluntário’ dos indivíduos, na atualidade. Estes se isolam em círculos sociais restritos, com o objetivo de manter a identidade pessoal; e isso seria resultado do individualismo extremado. Dessa forma, os sujeitos isolam-se em seus pequenos grupos, e ali consideram que bastam a si mesmos:

Ao mesmo tempo em que a vida no espaço urbano moderno seria caracterizada como um processo de homogeneização de indivíduos e pessoas, implicando no declínio da personalidade individual, ela geraria em seu oposto, isto é, um individualismo extremado, marcado pelo “recolhimento” dos indivíduos em espaços cada vez mais restritos como forma de manutenção da personalidade e identidade pessoal (RETONDAR, 2007, p. 79, grifo do autor).

Dentre os fatores individuais citados como essenciais para a concretização dos planos dos entrevistados; parte dos estudantes afirmou que é importante ter ‘determinação’; tal fator também foi citado de modo associado com outras questões que seriam fundamentais para o sucesso dos planos, como a ‘força de vontade’:

ALINE: O que é importante pra realizar esses planos?... é... ser determinada, saber o que quer e ir... ir à procura, porque se for esperar pelo povo, essa pessoa num faz nada.

ENTREVISTADORA: Ir à procura?

ALINE: É..

ENTREVISTADORA: Como seria essa procura?

ALINE: Se você quer um trabalho você tem que ir à procura, ele não vem a você, você tem que ir atrás dele. Nada vem de mão beijada pra você (Aline, 18 anos).

A entrevistada Aline propõe a determinação, e a procura pelos objetivos, como fatores centrais para concretização dos planos. Artur, abaixo, também afirma a determinação como fator essencial para a concretização dos planos, mas remete-se também à fé e à força de vontade:

Determinação, fé e não desistir jamais. Se você tiver força de vontade e tiver... meios viáveis pra prosseguir nisso então... nada lhe segura, vai em frente que você consegue. (Artur, 18 anos)

‘Saber fazer as coisas certas’ também foi um fator apontado como importante para a concretização dos planos, como vemos no relato de Fernanda:

Como eu disse, fazer as coisas certas, pra depois não me arrepender. Ter certeza do que eu tô fazendo, por que eu tô fazendo [...] (Fernanda, 18 anos)

Esse ‘saber fazer as coisas certas’ também foi citado como fator associado à ‘responsabilidade’:

ESTELA: Você tem... é... estudar, ter responsabilidade assim, no que tá fazendo.

ENTREVISTADORA: Ter responsabilidade?

ESTELA: É, no que tá fazendo assim... é não brincar, ser mais atenta, só.

ENTREVISTADORA: Como seria ‘ser mais atenta’?

ESTELA: É... (pausa) é tipo assim... saber o que tá fazendo, pra você não poder assim errar. Eu sei que errar todo mundo erra, mas você planejando assim, tendo aquele controle assim... você sabe fazer as coisas certas.

ENTREVISTADORA: Como seria 'saber fazer as coisas certas?'

ESTELA: (Silêncio) Ah, depende, né?.. de várias coisas assim... porque... você às vezes não faz, né? tudo certo, você tem que pensar bastante antes de fazer aquela coisa que você quer.

ENTREVISTADORA: Pensar bastante?

ESTELA: É. (Estela, 18 anos)

Inicialmente Estela fala na necessidade de estudar e ter responsabilidade, isso seria para ela, não brincar e ser mais atenta; saber o que está fazendo, para não errar, e, desse modo, fazer as coisas certas. O que corresponderia a pensar bastante antes de fazer o que se quer.

Essa necessidade de responsabilidade já havia sido citada anteriormente, quando alguns entrevistados disseram que sentem que como jovens tem uma grande responsabilidade. Eles afirmaram que ter responsabilidade é importante para concretizar seus planos de futuro. Como vimos anteriormente, Brandão (2009) também identificou essa relação entre responsabilidade e juventude nos discursos dos jovens.

Melucci (1996), por sua vez, aponta que a responsabilidade para consigo mesmo e com os outros surge no jovem a partir do reconhecimento do que ele é e do que pode se tornar, aceitando o presente e planejando o futuro:

Consciência do limite, o cansaço produzido pelo esforço para ultrapassá-lo, a percepção do que está faltando — sentido de perda — criam raízes para que se presencie como algo possível a aceitação do presente e o planejamento do futuro: como responsabilidade para consigo mesmo e para com outros, como reconhecimento daquilo que fomos e do que podemos nos tornar (MELUCCI, 1996, p.10).

Desse modo, percebemos como a responsabilidade está relacionada ao desenvolvimento de planos para o futuro, influenciando assim, a construção das identidades.

Outros entrevistados, ainda afirmaram que para realizar seus planos é essencial entrar para a universidade:

LUANA: Primeiro, conquistar a vaga mesmo, concluir os estudos, e correr atrás.

ENTREVISTADORA: Correr atrás? Como seria correr atrás pra você?

LUANA: (Silêncio) não ficar em casa esperando o que ia acontecer, botar currículo, fazer cursos, procurar se especializar no que for possível. (Luana, 18 anos)

Luana aponta a conquista da vaga na universidade como o primeiro passo, para a realização dos seus planos, em seguida ela cita a importância de 'correr atrás', não ficar em casa esperando, mas distribuir currículos, fazer cursos e se especializar.

Para Rebeca, abaixo, a entrada na universidade também é um elemento essencial para a concretização dos seus planos, isso por ser requisito básico para a aprovação no concurso de admissão da Polícia Rodoviária Federal:

Eu?.. Pra realizar o meu sonho? (pausa) terminar agora, né? o ensino médio, conseguir principalmente entrar na universidade, o que eu pretendo, né? pra poder...iniciar... terminar o meu curso daqui a uns quatro anos pra poder entrar... porque eu quero fazer Educação Fis... como é que se diz?... ser professora. Porque eu entrei na UEPB... entrei não, como é que se diz?... fiz vestibular pra... Educação Física, mas eu não quero ser professora, eu quero, como eu já disse, entrar pra PRF [Polícia Rodoviária Federal] só que tem que ter o ensino superior... é isso, né? (Rebeca, 18 anos)

Sobre isso, Oliveira et al (2001), em estudo realizado, em duas cidades do estado de São Paulo, também encontraram nos discursos de estudantes, a ideia da escolarização como pressuposto para a empregabilidade e conseqüente mudança de vida. Conforme os autores: "A associação do sucesso profissional ao estudo aparece referenciada à formação em nível superior, ou seja, "fazer uma faculdade" ainda representa para esses jovens o caminho para a melhoria das condições de vida [...]" (OLIVEIRA et al, 2001, p. 248, grifo dos autores).

Dessa forma, percebemos fatores individuais como a determinação; a força de vontade; a responsabilidade; fortemente presentes na forma dos jovens pensarem seus planos para o futuro, e nos meios para realizá-los.

Segundo Silva (2009) o individualismo, juntamente com fatores como a autorresponsabilização, o imperativo à atividade, a flexibilidade, a disposição para a aprendizagem, a tendência à indefinição identitária e a noção de *age/less* ou ausência de idade; são elementos essenciais da construção das identidades, na contemporaneidade. Gonçalves (2005) também fala na questão do individualismo,

ao qual estariam submetidos todos os protagonistas sociais, especialmente os que vivem em grandes metrópoles, estimulados a competir e a consumir.

Nesse contexto, alguns entrevistados, deram a família e aos amigos relevância para o sucesso de seus planos, o que não implica em considerar a coletividade e sim os grupos de referência mais próximos. Nessas falas percebe-se a clara valorização do indivíduo como único responsável pela realização de seus planos, uma vez que características individuais, semelhantes às citadas anteriormente, aparecem nos discursos:

O que é importante?... comprometimento por minha parte, estudo, responsabilidade... é... apoio tanto dos amigos quanto da família, isso é indispensável, creio que se você... fizer tudo de uma forma correta, lógico que imprevistos sempre acontecem, mas se você fizer tudo de uma forma correta, objetiva... e com apoio dos amigos e da família tudo vai dar certo, seja lá qual for seu plano, seja lá qual for a carreira que você quer seguir. (Tulio, 19 anos)

O comprometimento e a responsabilidade, assim como o apoio da família e dos amigos, são citados por Túlio como fatores importantes para a realização dos seus planos.

Guilherme, por sua vez, fala na determinação e no estudo como relevantes para a concretização dos projetos, salientando a necessidade de se escutar a opinião dos outros nesse processo, como podemos observar abaixo:

Ser determinado, né? A pessoa... determinação você pode conseguir tudo, você consegue tudo determinando... e também tendo... traçando uma meta pro seu futuro. Se você tem uma meta... eu tenho certeza que se você fizer por onde você vai conseguir alcançar ela. (pausa) Conseguir principalmente estudando, se você não estudar, com certeza você não vai conseguir, escutando muito a opinião dos outros, se a opinião dos outros... se uma coisa... se você acha que...uma coisa está errada e os outros também notam que isso está errado então alguma coisa tem que mudar. Isso vai depender muito da pessoa porque tem gente que nem você falando assim se toca... que você tá errado. (Guilherme, 19 anos)

Vale ressaltar que o individualismo exacerbado, comum às formações identitárias contemporâneas, como já explicitado, está presente claramente nos discursos dos jovens entrevistados. Os estudantes refletem a busca de sentido individual:

A busca de sentido individual é outro padrão comum na identidade contemporânea, perfeitamente sintonizada com os valores difundidos pela dinâmica neoliberal e pela desregulamentação das políticas estatais. Tanto o desenvolvimento individual quanto o bem-estar coletivo deixaram de ser projetos sobre os quais o conjunto da sociedade se dedica. Do ponto de vista individual, o que importa é fazer por si, encontrar um lugar satisfatório no espaço social e investir no seu projeto de vida (SILVA, 2009, p.129).

Dessa forma, na contemporaneidade, valoriza-se o indivíduo como principal responsável pelo sucesso de seus projetos. Parece que o coletivo tornou-se pouco relevante nesse processo, em que fatores individuais são privilegiados, pois mesmo quando os entrevistados falam em outras pessoas, tal discurso restringe-se a família e aos amigos.

#### 4.5. SOBRE COMO OS ESTUDANTES SE IMAGINAM COM A IDADE DOS PAIS

Outra pergunta em nosso roteiro de entrevista semi-estruturada, dizia respeito a como os estudantes se imaginam quando estiverem com a idade dos pais. Com isso, buscávamos identificar as perspectivas dos jovens em longo prazo, e, especialmente, se constroem identidades para o futuro e quais seriam elas.

A questão da estabilidade é novamente citada. Sendo assim, alguns entrevistados, afirmaram que esperam estar estabilizados:

MARCOS: Me imagino não estar trabalhando mais...estar estável... já ser aposentado e viajando por ai, eu e minha mulher.

ENTREVISTADORA Já estar estável?

MARCOS: Já, né?... me preparando... né?... num vou dizer mais estável. (Marcos, 18 anos)

Essa estabilidade corresponderia a ter uma reserva financeira e não precisar mais trabalhar:

Ah!. ter uma vida... estável, num é?... assim... com... não assim rica digamos assim, mas ter... o... aquele dinheirinho reservado que você de tanto estudar, né? Conseguiu, né?... ai ...ter uma vida saudável (pausa) Que num precise... assim... depois de idosa assim... ter que trabalhar, né? assim... ter o seu dinheirinho assim... juntar, né? digamos. (Estela, 18 anos)

Outros entrevistados disseram imaginar estarem realizado (a) quando chegarem à idade dos pais. Sendo que ser 'realizado' estaria relacionado ao sucesso profissional, familiar, assim como a estabilidade financeira. Enquanto outros falaram em estar 'bem de vida':

ENTREVISTADORA: Como você se imagina quando estiver com a idade dos seus pais?

ANTONIA: (Silêncio) como eu me imagino?(risos) É, realizada né? na vida, como um todo, profissionalmente, pessoalmente (pausa) tudo.

ENTREVISTADORA: Realizada?

ANTONIA: É, realizada, com a profissão que eu escolhi (pausa) e (pausa) bem sucedida, com família, tudo... (Antonia, 18 anos)

ENTREVISTADORA: Como você se imagina quando estiver com a idade dos seus pais?

FERNANDA: (Silêncio) Eu quero tá bem de vida, (pausa) ter alguma coisa pra não ter que trabalhar tanto como temos que trabalhar hoje por não ter tido.... como é que eu posso dizer (pausa) uma... uma ... oportunidade quando mais novos, não ter tido tantas escolhas como nós, jovens, podemos ter hoje em dia. (Fernanda, 18 anos)

Já André falou que se imagina tendo uma boa vida e uma família legal, mas também exercendo uma função na sociedade, pois tudo que uma pessoa faz, repercute na sociedade.

Bem... eu me imagino exercendo uma função importante tanto pra uma família quanto para a sociedade, porque muitos jovens pensam que o que eles fazem não tem importância com relação a sociedade, mas tudo que a gente faz eu acredito que é refletido na sociedade, tipo as atitudes e... eu consigo me imaginar com idade dos meus pais tendo uma boa vida, com uma família legal. (André, 18 anos)

Diante disso, percebemos que os sentidos dados para 'realizado' 'estabilizado' e 'bem de vida' são bastante próximos. Embora vários discursos se refiram à constituição de uma família, o elemento central comum a esses discursos parece ser o do sucesso financeiro, que surge como parte dos projetos de futuro.

Desse modo, os discursos acerca de como os jovens pretendem estar com a idade dos pais aproximam-se daqueles relacionados à pergunta: 'Você tem planos para o futuro?'. Na medida em que correspondem principalmente a sucesso profissional, conseqüente estabilidade financeira, e também a formação de uma família.

O discurso de André, por sua vez, se diferencia dos outros ao afirmar que além de ter uma boa vida, pretende estar exercendo sua função na sociedade quando estiver com a idade dos seus pais. No entanto, orienta o seu discurso para o contexto familiar. Mesmo assim, ele se aproxima de Guilherme, que, ao afirmar que espera ser, pelo menos, um adulto ‘de boa índole’ fala sobre a responsabilidade dos adultos para com as próximas gerações:

ENTREVISTADORA: Como você se imagina quando estiver com a idade dos seus pais?

GUILHERME: Eu me imagino um profissional formado... e se não for como eu quero, pelo menos um... adulto de boa índole. É isso que eu imagino pra minha vida. [...]

ENTREVISTADORA Como seria um adulto de boa índole?

GUILHERME: Um homem de... com opinião forte, com opinião forte e com... objetivo, não derrubado, mas traçado. Um homem que ainda não desistiu de aprender, mas que sempre vai aprendendo cada dia mais e não... parando pra pensar assim é... : “Se eu sou velho por que eu vou querer continuar?” Não, sempre aprendendo pra ensinar aos mais novos, que... o futuro, como eu disse, depende dos mais velhos e se... o futuro... se não ensinarem aos mais novos, como é que os mais novos vão ensinar coisas boas aos que vem mais na frente?... é isso que eu acho.

Guilherme fala que se imagina sendo um “profissional formado”, mas que se não conseguir, espera ser pelo menos um adulto de boa índole. O que seria, segundo ele, ser um homem de opinião forte, com objetivos, e que está sempre buscando aprender mais para ensinar aos mais novos.

Nesse discurso, percebemos novamente sinais da construção do jovem como sujeito de direitos, protagonista da sociedade. Isso porque ele destaca o seu papel tanto de eterno aprendiz como o de responsável por ensinar o que aprendeu aos mais jovens.

Ainda com relação à essa pergunta, uma das entrevistadas disse não imaginar como estará quando chegar à idade dos pais.

ENTREVISTADORA: Como você se imagina quando estiver com a idade dos seus pais?

ALINE: Me imagino já... (pausa) imagino não, ainda não (risos) nunca parei pra pensar não...

ENTREVISTADORA: Nunca imaginou?

ALINE: Nunca imaginei tendo essa idade já. (Aline, 18 anos)

Com relação a isso, Smithson, Lewis e Guerreiro (1998), a partir de estudo realizado em diferentes países da Europa, sugerem que os jovens tentam deixar de pensar a longo prazo, como uma estratégia para gerir a incerteza em relação ao futuro. Isso ajudaria a minimizar a ansiedade com relação ao que acontecerá futuramente. Assim, podemos pensar se os estudantes brasileiros, no caso Aline, estariam fazendo uso dessa estratégia.

#### 4.6. SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO GOVERNO NA CONCRETIZAÇÃO DOS PLANOS PARA O FUTURO

No que diz respeito à pergunta: “Você acredita que de alguma forma o governo poderia ajudar a realizar esses planos?” todos os entrevistados apontaram que sim, o governo pode ajudar. Embora, quando perguntados anteriormente sobre o que era importante para realizar seus planos, nenhum deles tenha citado o Estado.

Com esse questionamento pretendíamos adentrar na temática das políticas públicas para a juventude, considerando o que os jovens pensam a respeito da participação do governo na realização de seus planos. E, dessa forma, refletir sobre o que os estudantes acreditam que o Estado, com as ações que vem desenvolvendo, contribui na realização de seus planos.

Desse modo, concordamos com autores como Castro, Abramovay e Leon (2007), que afirmam que os jovens têm direito de participar da elaboração das políticas públicas. Um dos maiores problemas dessas ações é a não participação da juventude na construção das ações voltadas para ela. Sendo assim, faz-se essencial ‘escutar’ o que a juventude tem a dizer acerca das ações desenvolvidas para eles (SPOSITO, 2003).

A maioria dos jovens entrevistados disse que o Estado pode ajudar a concretizar seus projetos. Sobre as formas como o governo poderia ajudar a realizar os seus planos, a maioria dos entrevistados afirmou ser na educação que o governo tem que investir para contribuir na concretização desses sonhos:

Ah! O governo, eu acho que poderia ajudar na forma da educação, né? Primeiramente na escola... aí... porque da escola é que se tira a base para... o... universitário, entendeu? Ai eu acho... eu penso assim que o governo tinha que ajudar mais na educação, as novas agora... é... na tecnologia [...] Eu

acho assim que devia mais... favorecer aos alunos. (Catia, 18 anos)

Catia afirma que o governo deve investir nas escolas, pois essa é a base para a universidade. Sendo assim, o Estado deveria investir em tecnologia e também deveria favorecer os alunos. Guilherme também fala na necessidade de maiores investimentos nas escolas, também salientando a importância da tecnologia:

Poderia. O governo deveria investir mais na... no ensino das escolas. Como aqui na escola que tem um laboratório de biologia e a gente nunca vai lá, tem inúmeros é... telescópios não... microscópios que...a gente nunca usou, eu nunca usei aqueles telescópios e... são... utilizáveis, são muito bons e a gente poderia usar mais [...] E aumentar a tecnologia nas salas também é... aumentando a interatividade do aluno com o professor e com a matéria, o assunto que você quer... ver, aumentar a interatividade e o interesse do aluno, pelo meu ponto de vista. Você tendo a tecnologia junto com a educação você vai... melhorando o interesse do aluno e também do professor em ensinar [...] (Guilherme, 19 anos)

Dessa forma, percebemos que os jovens acreditam que o Estado precisa investir mais na educação. O que nos leva a pensar nas ações que o governo vem desenvolvendo com relação às políticas públicas para a juventude, voltadas para esta área. Sobre isso, Lopes e Adorno (2008) afirmam que embora a educação seja um direito assegurado constitucionalmente, as políticas educacionais são insuficientes, descontinuas e afastadas da realidade social que desejam atingir. Assim as escolas:

[...] tem funcionado muito mais como dispositivos disciplinares produtores de subjetividades coletivas subjugadas do que, propriamente, contribuído para a formação dos jovens, seja na direção de suas aspirações e desejos, seja como cidadãos autônomos (LOPES; ADORNO, 2008, p. 70).

Segundo Bango (2003), dentre as políticas de juventude, vem ocorrendo investimentos na área educacional. Os resultados dessas ações seriam estimulantes, mas esses avanços seriam, principalmente, quantitativos. Houve um aumento significativo do número de matrículas, mas os índices de fracasso escolar também são altos.

Com relação a isso, Dayrell (2003b, p. 185) aponta que o problema não é o acesso à escola, mas, a qualidade do ensino oferecido pela instituição, segundo o

autor: “A estrutura escolar e os projetos político – pedagógicos ainda dominantes nas escolas não respondem aos desafios que estão postos para a educação da juventude contemporânea”.

Conforme a UNESCO (2005), problemas com o corpo docente, precárias condições de infra-estrutura e falta de materiais didáticos; são problemas ainda recorrentes na realidade da educação brasileira. Assim, haveria uma extrema necessidade de se rever as políticas públicas educacionais, para que possam haver avanços não só quantitativos, mas também qualitativos.

Ainda sobre o que os jovens acreditam que o governo deve fazer para ajudar a concretizar seus planos, outros entrevistados falaram que o governo deveria ‘dar mais oportunidades’ para os jovens, sendo essas oportunidades relacionadas tanto a já supracitada educação, quanto também ao emprego:

FERNANDA: Depende. Se for na vida profissional sim, na vida pessoal nem tanto.

ENTREVISTADORA: Na vida profissional sim?

FERNANDA: Dando mais oportunidades, emprego essas coisas. (Fernanda, 18 anos)

Antonia, por sua vez, concorda e afirma que o Brasil deve investir na questão profissional, investindo na educação. Os investimentos são precários, e assim, a situação é muito difícil para o jovem, mas seria importante que o governo ajudasse.

ENTREVISTADORA: Você acredita que de alguma forma o governo poderia ajudar a realizar esses planos?

ANTONIA: (Silêncio) É... na questão profissional eu acho que sim, se for investindo mais na educação, né? porque no Brasil hoje em dia esses investimentos são muito precários (pausa) se o governo investir mais (pausa) e dar mais oportunidade também no mercado de trabalho, que é muito difícil pro jovem que tá começando, né? é difícil. Mas eu acho que é... é... é importante também que o governo ajude [...] (Antonia, 18 anos)

Aline, abaixo, também aponta a necessidade de investimentos na área do trabalho e emprego, destacando a questão do primeiro emprego para os jovens:

Eles têm que investir... como os jovens hoje procuram emprego, mas muitas vezes não conseguem porque não tem a tão pedida experiência aí... como é que o jovem vai conseguir experiência se ele não tem a primeira oportunidade? Ele tem que ter a oportunidade pra ter a tão desejada experiência, assim num vai ter como ele arrumar o primeiro emprego, ou

arrumar um outro emprego se ninguém dá a primeira oportunidade a eles. (Aline, 18 anos)

Marcos, abaixo, também cita essa necessidade, apontando a importância da criação de novos projetos voltados para o primeiro emprego.

Pode... criando novos projetos, criaram só um que é o primeiro emprego, mas deveria ter mais. Tipo assim criar convênios escolas, como novas empresas pra colocar esse jovem nessa empresa pra pegar uma experiência, pra no futuro já ter experiência pra pegar um trabalho melhor na sua área. Também... (pausa) é isso, acho que isso resolveria o caso. (Marcos, 18 anos)

Aline, diz que os jovens não conseguem emprego porque não tem a experiência exigida; mas como o jovem terá experiência se não lhe derem a oportunidade? Marcos, por sua vez, aponta a necessidade de novos projetos voltados para a questão do primeiro emprego, como convênios com empresas e escolas. Assim a questão do trabalho e emprego, foi amplamente citada pelos estudantes que parecem acreditar que o Estado deve investir nessas áreas.

Desse modo, os discursos dos entrevistados se aproximam do que Leite (2003, p. 158) afirma: é necessário que se desenvolvam políticas voltadas para todos os trabalhadores, mas especialmente para os jovens, que proporcionem: “oportunidades de adquirir e comprovar qualificação e experiência que possam servir como credencial para o acesso no mercado de trabalho”.

Embora todos tenham afirmado que o governo pode contribuir nesse processo, alguns entrevistados afirmaram que o Estado precisa conter o desvio de verbas; para que possa desenvolver ações mais efetivas:

Pode sim, pode. Ajudando na educação, deixar de tá desviando verbas ou tá priorizando outros setores que não... são importantes, mas a base do país é a educação, se o governo puder olhar mais para a educação, ele vai poder modificar e deixar bem melhor do que está. (Artur, 18 anos)

Assim, o entrevistado salienta a necessidade de que o Estado contenha o desvio de verbas e invista mais na educação, que é para ele a base do país. Dessa forma, para os entrevistados o governo deve desenvolver políticas públicas voltadas para capacitação profissional do jovem, e inserção deste no mercado de trabalho,

investindo nas escolas e estimulando entrada na universidade. Isso porque, nessas áreas os estudantes consideram que faltam oportunidades para eles.

A partir dos discursos também podemos pensar que os jovens, se vêem também como sujeito de direitos, como já explicitado, visto que sabem que o governo deveria fazer mais com relação às políticas públicas para a juventude. Com relação à necessidade de ver os jovens como sujeitos de direito, Bango (2003) aponta que este deve ser o enfoque central das políticas de juventude. Desse modo, a geração de condições para que os jovens exerçam seu papel de cidadão deve ser o eixo orientador dessas políticas.

Percebemos, no entanto, que o governo só foi citado quando os entrevistados foram perguntados sobre a participação dele na concretização de seus planos; o que nos leva a questionar se os jovens realmente consideram relevante o papel do Estado na realização de seus projetos para o futuro.

Podemos nos perguntar também se estes discursos demonstraram preocupações individualistas. Questionamo-nos se os jovens demonstram alguma preocupação com o bem estar de todos, ou seu interesse no governo resume-se a conseguir benefícios individuais? Como já falamos, o individualismo tem sido um dos principais elementos constitutivos das identidades na sociedade atual, que está constantemente nos 'individualizando' (Bauman, 2008). Sendo assim, não podemos dissociá-lo do processo de construção dos projetos de jovens e de adultos também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A juventude grita/canta/dança que o futuro é agora!”*

*Paulo Carrano*

Com este trabalho nos propomos a pensar as identidades construídas nos relatos de estudantes do ensino médio acerca de seus projetos para o futuro. A partir desta análise, percebemos a ideia de juventude como um momento de preparação para o futuro, no qual serão feitas escolhas que trarão consequências. Ser jovem também foi associado à diversão, a aproveitar e curtir a vida, e a saber viver. O que corresponderia a viver sem se importar com a opinião dos outros.

Também percebemos a ideia da juventude como um estado de espírito, sendo assim, ser jovem seria uma forma de agir. O que nos levou a questão do desejo dos indivíduos de manter a mesma identidade por toda a vida, o anseio por juventude eterna. A juventude atual também aparece nos discursos como diferente das gerações anteriores. Os jovens atuais seriam apáticos politicamente; o que nos levou a pensar na participação política dos jovens na contemporaneidade.

Sobre como os entrevistados se sentem como jovens, muitos deles afirmaram se sentir ‘bem’. Sendo esse bem estar associado a ser essa a melhor fase da vida, a saúde que se tem quando se é jovem. Alguns entrevistados também afirmaram que se sentem ‘felizes’ sendo jovens; tendo esse sentimento sido associado às atividades desenvolvidas nessa fase e também ao fato de que ‘ser jovem é tudo’, o que nos remeteu a ideia de juventude como fase áurea da vida.

Eles também encaram essa fase como um momento sério. Alguns disseram se sentir tendo uma grande responsabilidade como jovens. Tal responsabilidade parece causar receio nos jovens e se relacionar com a constante incerteza em relação ao futuro.

Questionamos nossos entrevistados também sobre o costume de pensar no futuro. Para parte deles é essencial pensar no que está por vir, pois ninguém sabe o que o espera. No que percebemos o medo do futuro, a incerteza com relação ao que está por vir, típica da contemporaneidade. Ainda quando questionados sobre o costume de pensar no futuro, alguns entrevistados falaram sobre o que pensam para o amanhã, e, assim, sobre os projetos para o futuro.

Sobre os planos para o futuro, os estudantes pensam, principalmente, em concluir o ensino superior, desenvolver uma carreira profissional, e constituir uma

família; sendo o anseio por sucesso financeiro e estabilidade parte relevante desses projetos. Desse modo, percebemos como os papéis de estudante, trabalhador, pai/mãe, são importantes nos discursos dos jovens.

Com relação à existência de planos alternativos, caso os iniciais não se concretizem; parte dos estudantes afirmou ter esses planos. Para alguns, seria fundamental ter outros projetos, e para outros, existem alternativas, mas os planos iniciais são prioridade. Quais seriam as alternativas? Com relação à essa questão, entrevistadas também falaram sobre o casamento como única alternativa, caso os planos não se realizem, o que nos remeteu às questões de gênero.

Já outros entrevistados disseram não possuir outros projetos. O foco destes estaria nos planos atuais, só depois eles pensariam em outras alternativas. Em alguns desses discursos percebemos também a ideia de que ‘querer é poder’, seria necessário apenas “tentar” para conseguir alcançar o objetivo.

Com relação às formas para alcançar esses objetivos, os entrevistados focaram-se, principalmente, em fatores individuais, como importantes para realizar os planos. Dentre esses fatores, encontram-se a ‘determinação’, ‘a força de vontade’, o ‘saber fazer as coisas certas’, a ‘responsabilidade’ e ‘a entrada na universidade’. Diante dessa valorização de fatores pessoais para o sucesso dos projetos pessoais, percebemos o individualismo da sociedade atual. Sendo que alguns entrevistados afirmaram ser importante a participação da família e dos amigos para realização desses planos, o que não quer dizer que eles tenham considerado a importância de projetos sociais coletivos.

Naquilo que diz respeito a como os estudantes imaginam que estarão quando chegarem a idade dos pais, os entrevistados fizeram menção a varias possibilidades de futuro. A ‘estabilidade’ apareceu em diversos discursos, assim como ser ‘realizado’ e estar ‘bem de vida’. Os sentidos dados a essas situações foram bastante próximos; tanto ser ‘estável’, quanto ser ‘realizado’ ou ‘bem de vida’ se referiam a sucesso profissional e familiar. Com relação à essa questão, também foi citado o desejo de fazer algo relevante para a sociedade; contribuindo para as novas gerações.

Abordamos, ainda, a questão da participação do governo na realização dos planos de futuro dos entrevistados. Todos os estudantes afirmaram que o Estado pode ajudar na concretização dos seus planos. No entanto, salientamos que o governo não foi citado quando os entrevistados foram questionados sobre os fatores

importantes para a realização dos seus planos. O que nos levou a pensar se os jovens realmente consideram a participação do Estado como algo relevante nesse processo; ou se eles apenas ‘lembraram’ que o governo pode – e deve – contribuir para a concretização dos seus planos, quando foram questionados sobre isso.

Para eles, a educação e o mercado de trabalho são as duas principais áreas em que o governo deve investir para colaborar com a realização dos projetos dos jovens. Os estudantes disseram ‘não ter oportunidades’, apontando que o governo deve desenvolver ações que visem dar mais oportunidades para eles; melhorando o ensino e o acesso à universidade; bem como, investindo em projetos relacionados ao primeiro emprego.

Observamos assim como os jovens constroem suas identidades também a partir destes projetos, percebemos como os planos para o futuro influenciam os modos de agir e de ser. Tais identidades são fortemente influenciadas pelo individualismo e pela valorização da juventude presentes na sociedade atual. O medo do futuro também é um constante nos relatos dos jovens.

A participação política dos jovens também surgiu como importante elemento das análises, uma vez que em alguns relatos encontramos retratos da apatia da juventude atual, e, ao mesmo tempo, da necessidade de contribuir com as próximas gerações. No entanto, tais relatos ainda são fortemente influenciados pelas ideias individualistas.

Com relação aos planos para o futuro, percebemos como os jovens anseiam por educação, trabalho, dinheiro e família. Sendo o exercício de papéis sociais preestabelecidos, parte fundamental dos planos dos entrevistados. No que percebemos como as identidades se constroem a partir do que se faz, ou se pretende fazer: ser um estudante, um trabalhador, um pai ou uma mãe, dentre outros.

Também podemos pensar que os jovens se percebem como sujeitos de direitos, na medida em que, reconhecem o papel do governo para a concretização dos seus planos. No entanto, ao observamos que o Estado só foi citado, quando questionamos acerca do papel deste, conforme supracitado, percebemos que ainda é preciso avançar muito para que os jovens realmente assumam o lugar de atores sociais na luta por seus próprios direitos e deveres.

Por fim, consideramos que nossas análises poderão trazer contribuições para as reflexões sobre as juventudes, suas identidades e as políticas destinadas a elas.

Percebemos que ainda há muito a avançar sobre o estudo da juventude brasileira, e é de fundamental importância – dada a delicadeza e implicações do assunto – o desenvolvimento de novas pesquisas voltadas para a temática.

## REFERÊNCIAS

- ABAD, M. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, M.; PAPA, F. (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 13-32.
- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5/6, p. 25 -36, 1997.
- ALVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. São Paulo: Mc. Graw-Hill, 2006.
- BANGO, J. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. In: FREITAS, M., PAPA, F. (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 33-55.
- BAUMAN, Z. **Identidade: Entrevista a Benedito Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade Individualizada: Vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. S. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.
- BRANDÃO, I. R. As bases epistemológicas da psicologia comunitária. In: BRANDÃO, I.R.; BOMFIN, Z.A.C.; (Org.) **Os jardins da psicologia comunitária: Escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial**. Fortaleza: Pró-Reitoria de Extensão da UFC/ ABRAPSO – Ceará, 1999. p.31-45.
- BRANDÃO, C. S. Expectativas sociais e projetos para o futuro: um retrato da juventude paraibana. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia: Sociologia consensos e controvérsias, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Sociologia: consensos e controvérsias, 2009. p.1-20.
- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Juventude e envelhecimento na Conferência do Cairo: 15 anos depois no Brasil. In: BRASIL, 15 **anos após a Conferência do Cairo** / ABEP; UNFPA – Campinas, 2009.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; DE LEÓN, A. Políticas para quem e para o quê. In: \_\_\_\_\_. **Juventude: tempo presente ou tempo futuro?** Dilemas em propostas de políticas de juventude. São Paulo; GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007. p. 20-34.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**.

Brasília: IPEA, 2005. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td\\_1335.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1335.pdf). Acesso em 11 nov. 2011;

CAVALLARO, R. **Storie senza storia**: indagine sull'emigrazione calabrese in Gran Bretagna. 2. ed. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1999.

CIAMPA, A. C. **A história de Severino e a História de Severina**. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Identidade. In: LANE, S.; CODO, W. (Org.) **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-74.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. Secretaria Nacional de Juventude. **Conselhos de Juventude**: Fortalecendo Diálogos, Promovendo Direitos. Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v.19, n.spe, 2007. Disponível em  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822007000400006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000400006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 ago. 2011;

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In.: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**. 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. nº 24, p. 40 -52, 2003a.

\_\_\_\_\_. Escola e culturas juvenis. In: FREITAS, M., PAPA, F.(Orgs.) **Políticas Públicas**: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez Editora, 2003b. p. 173-202;

DOURADO, M.; LEIBING, A. Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. v. 2, n. 2, p. 1-8, 2002.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J; TURATO, E. R.; Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24 n.1, p. 17-27, 2008.

FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005; Disponível em:  
<<http://www.acaoeducativa.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2011

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p.50-59, 2010.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p.207-219, 2005.

HALL, S.; **A identidade Cultural na pós – modernidade**. 11<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E.M.L; KNAUTH D.R.; Juventude, sexualidade e reprodução. **Cad. Saúde Pública**, v.22, n.7, p.1362-1363, 2006.

JACQUES, M. da G. C. Identidade e trabalho: Uma articulação indispensável. In TAMAIO A.; BORGES-ANDRADE J. E.; CODO W. (Orgs.), **Trabalho, organizações e cultura** . São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996. p. 41-47.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. p.89-113;

KERBAUY, M. T. M. Políticas de Juventude: Políticas públicas ou Políticas governamentais? **Estudos de Sociologia**, v. 18, n. 19, p.193-203, 2005.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (Orgs) **Novas veredas da psicologia social**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. p. 55-63.

LEITE, E. M. Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, M., PAPA, F.(Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 153 – 171.

LEÓN, O. D.; Da agregação programática à visão construtiva de políticas de juventude. In: FREITAS, M., PAPA, F.(Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 77-96;

LOPES, J. R. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 7-27, 2002.

LOPES, R. E.; ADORNO, R. C. F.; MALFITANO, A. P. S.; TAKEITI, B. A.; SILVA, C. R.; BORBA, P. L. O. Juventude Pobre, Violência e Cidadania. **Saúde Soc.**, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**. São Paulo, v.7, n.13, jun. 2002. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141329072002000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141329072002000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 ago. 2011;

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Young**. v. 4, n. 2, p. 3-14, 1996.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-80

MINAYO, M. C. S. e SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MINETTO, G. P.; MARTINS, L. C. O. Participação Popular e Ação Profissional do Assistente social: Elementos imprescindíveis para a transformação social. **Serviço Social & Realidade**, v. 10, n.2, p.33-46, 2001.

MOLÓN, S. I.; A psicologia social abrapiana: apontamentos históricos. **Interações**, v. 4, n. 12, p. 41-68, 2001.

NOGUEIRA, R. P. A segunda crítica social da saúde de Ivan Illich. **Interface: Comunic, Saúde, Educ.**, v. 7, n 12, p. 185-190, 2003.

NEGREIROS, T. C. G. M.; FERES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 4, n. 1, p.34-47, 2004 .  
Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 nov. 2011;

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.3, p.44-57, 2004.

NOVAES, R.; Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, M., PAPA, F.(Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p. 121-141.

\_\_\_\_\_. Políticas de juventude no Brasil: continuidade e rupturas. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO. MEC, Anped, 2007.

OLIVEIRA, J. A. P. Desafios do planejamento em políticas públicas: diferentes visões e práticas. **RAP**, v. 40, n.1, p. 273-88, 2006.

OLIVEIRA, D. C. et al Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 6, n.2, p.245-258, 2001.

ORGANIZAÇÃO IBERO-AMERICANA DE JUVENTUDE. **Ata da Convenção Ibero – Americana dos Direitos dos Jovens**. Espanha, 2005.

PAIS, J. M. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

RETONDAR, A. M. Indivíduo identidade e consumo. In: RETONDAR, A.M. **Sociedade de consumo, modernidade e globalização**. Campina Grande; EDUEFG, 2007. p.69-86.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, v. 5, n 1-2, p. 31-52, 1993.

SILVA, L. R. F. Autonomia, imperativo à atividade e “máscara da idade”: prerrogativas do envelhecimento contemporâneo? **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p.128 -134, 2009.

\_\_\_\_\_. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento, **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, v. 15, n.1, p.155-168, 2008.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.), **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73 -102.

SMITHSON, J.; LEWIS, S.; GUERREIRO, M. D. Percepções dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida familiar. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 27, p.97-113, 1998.

SPOSITO, M. P.; Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M., PAPA, F. (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003. p.57-75.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P.C.R. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.16-39, 2003.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

VARASCHIN, M. J. F. C. **Mudança Estratégica em uma Organização do Setor Público Agrícola do Estado de Santa Catarina**. 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VASCONCELOS, M.F.F. Luta Antimanicomial e produção de políticas não-identitárias: pela possibilidade de politização dos corpos 'nossos' e dos 'outros'. **Vivência**, n.35, p. 169-188, 2010.

## **ANEXOS**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

**FORMULÁRIO DE PARECER DO CEP – UEPB  
PROJETO CAAE – 0494.0.133.000-11**

**PARECER**

☐ **APROVADO**

☐ **NAO APROVADO**

☐ **PENDENTE**

**TITULO:** Juventude e projetos de futuro: um estudo sobre as identidades  
construídas

por estudantes do ensino médio da cidade de Campina Grande – PB.

**PESQUISADOR** Thelma Maria Grisi Veloso.

**DESCRICAÇÃO:** A pesquisa em destaque visa analisar as perspectivas de vida dos indivíduos dentro da faixa etária compreendida entre os 18 e 19 anos e que se vêem interpelados tanto pelo processo histórico pessoal quanto social ao exercício de uma profissão. O projeto pretende realizar uma abordagem com os alunos do 3º ano do Ensino Médio das duas maiores escolas públicas de Campina Grande. Como se trata de uma pesquisa envolvendo pessoas livres e responsáveis pelo gerenciamento da própria vida, porém expostas ao condicionamento de autoridades, faz-se premente apenas que seja velado o caráter voluntário e, portanto, livre de quaisquer influências de terceiros. Muito embora, seja feito esta ressalva, o projeto corresponde às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde.

Diante do exposto, somos do parecer **APROVADO** a realização da pesquisa.  
Salvo melhor juízo.

Campina Grande, 13 de outubro de 2011

RELATOR 20

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



---

Prof.ª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

## ANEXO II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa e *Juventude e projetos de futuro: Um estudo sobre as identidades construídas por estudantes do ensino médio da cidade de Campina Grande – PB* declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

- O trabalho de pesquisa terá como objetivo investigar as identidades construídas a partir dos relatos de estudantes do ensino médio da cidade de Campina Grande sobre os seus projetos de futuro.
- Ao voluntário só caberá a autorização para responder as perguntas da entrevista e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, se assim o desejarem.
- Não haverá utilização de nenhum indivíduo como grupo placebo, visto não haver procedimento terapêutico neste trabalho científico.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 33153474, no Departamento de Psicologia da UEPB.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador.
  
- Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

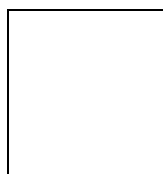
-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

---

Assinatura do Pesquisador responsável

---

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura Dactiloscópica

Campina Grande, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

Roteiro de entrevista semi-estruturada.

1. Para você, o que é ser jovem?
2. Como você se sente enquanto jovem?
3. Você costuma pensar no seu futuro? Por quê?
4. Você tem algum plano para o futuro?
5. Quais são esses planos? Você poderia falar mais sobre eles?
6. O que é importante para realizar esses planos?
7. Caso esses planos não se realizem, você teria outros?
8. Você acha que o governo/Estado pode contribuir com a realização desses planos? Por quê? Como?
9. Como você se imagina quando estiver com a idade dos seus pais?